

que eu estranho a tua mudança, & não me faltou adivinhar a causa. Mal haja quem te tal tornou, que o demo he, se isso não foraõ algumas amadias, que te embruxarão, ou algum olhado, que te quebrantou, guardete hora Deos de o mal ir por diante, que he coula terrivel, pergunta aos Mestres, & seràs curado, que já minha Tia pelo que em ti vio cada hora mo dizia. Eu te mereço Serrano (respondeo elle) o bom cuydado que mostras de meu remedio, porèm não està na mão de quem te ati parece, o que agora tenho, he esta tristeza; deyxame com ella, & com a minha sanfona, & indo para a tirar achou sobre ella a carta de Lisea, & perguntando a Serrano cuja era, lhe respondeo, que a achàra mettida pela porta da cabana, quando se levantàra, & que não sabia della mais, nem Lereno o quiz por então inquirir, que o cansaço do dia lhe pedia repouso, que costume he dos males para enganarem o sofrimento, darem descanso à vida, que os ha de sustentar, aindaque por outra via o neguem ao coração.

FLORESTA SEPTIMA.



Esperarão ao Pastor suas lembranças junto da madrugada, deu mil voltas ao pensamento, & nelle ora achava facil o caminho a seus desejos, hora punha a ventura armada contra elles, & entre esta variedade achou lugar para ler a carta de Lisea com hum rayo de luz que por huma greta decia da cobertura da cabana. E por que nem de natureza era esquivo, nem já estranhava forças de amor com quanto a sua affeyção principal de tudo o mais o descuydava, lhe pareceo bem a carta, & a guardou gabando muyto a Serrano os termos della. Levantaraõ se para tirar o gado, & gastou toda a manhã com os Pastores, que avia muyto tempo que o desejavaõ, & na festa se apartou delles por hum breve espaço, no qual Lisea o não perdeu de vista, porque o tazia sempre no sentido, & escondida de longe o vigiava; sentoude elle entre humas sylvas ao pè de huma fava, que deytava as raizes sobre as areas do rio, & alli có o rosto sobre a mão esquerda adormeceo, soltando

tando da outra o cajado sobre as ervas, & ainda a pastora o não teve por seguro no sono, quando soube, que não era só a que o buscava, porque vio, que Enalia huma pastora do valle de pouca idade, & de tantas graças, que a nenhuma dellas dava ventajem, chegando a elle, & vendo, que dormia, com muyta sutileza lhe meteo huma carta na mão, de que soltara o cajado, & logo com muyta pressa traspoz o valle, esta fallou a Lisea em se determinar no que fariaõ, porque entre o receyo, & a ousadia padeceo mil contrarias deliberaçoens, mas no fim executando a que mais lhe convinha, escreveo outra carta tirando do çurraõ os ministerios, que sempre para isso nelle trazia, depois se foy ao Pastor, que ainda estava sepultado em sono, entregandose de muytos dias, em que o perdera, & com mayor amor, & menos confiança, que a de Enalia, quasi tremendo lhe tirou o papel da mão, & em seu lugar poz o que escrevera, & apartandose para o outeyro abriu a carta de Enalia, que continha estas palavras.

Deyxo a carta na tua mão, aonde tenho apropriã vida, para essa merecer ventura, & baste que conheças a causa com que me atrevi, & que não desprezes os merecimentos de huma affeyção verdadeyra; essa poz em teu querer minha liberdade, & eu dey a amor o consentimento, hoje te dou a posse para que te conheças por senhor della, se a esta conta me quizeres dar vida como a cousa tua, nos teus olhos a tenho, & elles te dirão o nome, que aqui callo, porque nem podem errar em cousa taõ certa, nem os meus encobrir o muyto que te quero.

Guardou Lisea a carta de Enalia, & crendo que a sua estava segura de semelhante successõ, tornou para as pastoras, que estavaõ juntas ao longo do a real debayxo dos salgueyros, & inda não seria entre ellas, quã do Lereno acordou, & espreguiçandose lhe cahio da mão sobre o peyto aquelle papel, & abrindo-o achou qnelle dizia desta maneyra.

VEjo que outrem procura a roubar-me o fruyto do muyto que te quero, & que tu ferras os olhos consentindo nesta sem razão

lembrete a que cometes contra amor, que nunca perdoou a vingança de hum ingrato: a que eu posso tomar de ti, he quererte mais, & procurar meu damno; não queyras que me defenda quem te magoe: eu te escrevi ausente, porque te não via, & te busco agora, porque ainda em presença me foges; não ouso a me nomear, porque temo que então me desconheças; digote o que sinto, para que se com isso merecer lugar em tua vontade, te aproveytes da minha, que só com hum final de que a recebes ficara contente.

E Stranhou o pastor a novidade, como quem estava alheo do que passará emquanto elle dormia, mas conheceo ser a letra, da que Serrano achara na cabana; guardou ambas, & por senão mostrar penhorado dellas dissimulou o desejo, que tinha de conhecer seu dono. Foyte aonde os outros pastores, & pastoras estavaõ, & achou cantando Mileno, & Auliso em louvor dos olhos de Paulisia, a quem Lereno em estremo queria, porque além de ser fermosa, & amada de todas as pastoras da ribeyra, & da razão de sangue, era em seus segredos de mais confiança, & melhor conselho, pelo que depois que soube a materia da cantiga estimou mais acharse presente a ella, que era a que se segue.

*Sois senhores olhos negros,
E quantos olhos vos vem
São vossos negros tambem.*

*De pura cobiça amor
(Sem ter isto por agravo)
Em vòs esta feyto escravo
Vestido da mesma cor.
Elle que em vòs se foy por,
E quantos olhos vos vem
São vossos negros tambem.*

*De vòs mata amor d'amores
Que em vossos rayos taõ vivos,
Quantos vos vem faz cativos
E a vòs de todos senhores.*

*Quaes quer olhos de outras cores
Engeytando a cor que tem
São vossos negros tambem.*

*Os claros verdes rasgados,
Azuis, garços, & pombinhos,
Que soem a abrir caminhos
Para amorosos cuydados
Ficaõ cegos eclypsados,
E quando negros vos vem,
Querem ser negros tambem.*

A Cabou de cantar Aulifo, que entre os do valle o fazia com muyta graça, & logo Mileno a quem competia differença, dandolhe a frauta que tangeffe, começou tras elle.

*Quem vos ve fica as escuras,
E por isso os que vos vem
Por olhos negros vos tem.*

*A ninguem consente amor
(Por cobiça, ou por inveja)
Que com outros olhos veja
As graças da vossa cor.*

*E elle que o sabem melhor
Que quantos cegos vos vem
Nunca por negros vos tem.*

*Se em ser negros sois melhores
Não se alcança desse emprego,
Que quem de veruos he cego
Não pode julgar de cores.*

*Se sois negros sois senhores
De quantos olhos vos vem,
E dos meus olhos tambem.
Parece contrariedade
Em que ninguem se assegura
Nascer de huma cousa escura
Taõ fermosa claridade;
Como julgavaõ verdade
Os olhos que o mais que tem
He cegar quanto vos vem.*

Posto, que entre os pastores, & pastoras se armava contenda, de qual dos dous guardadores melhor cantara, o não consentio Paulisia, antes dandolhe iguaes graças procurava mudar a conversação em outro proposito de menos afronta sua, tendoa por tal ser louvada em presença; consentiraõ os mais nesta razaõ, mas Selvagio, que era em extremo affeyçoado a Enalia, procurava alguma, có que trouxesse os outros ao seu intento, & disse. Não he justo, que estando presentes tantas pastoras taõ fermosas ouvindo cantar dos olhos de Paulisia, que com muyta razaõ foraõ celebrados, fiquem ellas sem a parte do louvor, que se deve aos seus; havendo alguém, que comece, eu o seguirey; ao que Lereno respondeo, por lhe dar aconhecer, que o entendia. Melhor sera pois tu lembraſte huma cousa taõ devida, que tenhas a escolha dos fugeytos, que estaõ presentes, que eu dante maõ escolho os olhos de Enalia, porque em extremo me parecem bem assombrados; & ainda que o elle dizia por furtar a empreza a Selvagio, não o cuydou a pastora, antes ficou taõ contente, que

o mostrava no rosto, mas igual differença tinha o de Lisea; que posto que conhecesse o lanço do seu pastor, como amava de verdade, consentia facilmente entrada a hum receo, & com este quiz atalhar aquella determinação. Eu como mais desemparedada posso requerer minha justiça, dado que seja contra a que estas pastoras tem de serem louvadas, mas como ha de ser em presença sua tenho por menor a offensa, que lhe faço, que a que cada huma dellas receberá de tal competencia; & quando haja na companhia algumas pastoras, que a queyirão ter por fazer este gosto a quem servem, outro dia havera, que seja toque de suas galantarias, em que ellas tenhaõ melhor lugar, & digo isto, porque não sey o que me ficara dos seus louvores. Posto, que todos entendiaõ que esta razão era de confiada, lhe obedeceraõ, & pedindolhe que escolhesse fugeyto para occuparem o dia, lembrou que cantasse Leireno, que havia muyto tempo, que entre elles o não fazia, ao que elle por rogo de todos obedeceo & tirando a sanfonha começou.

*Passa o bem como sombra, & na memoria
 He mayor quanto foy mais desejado.
 A pena ensina a conhecer a gloria,
 Não se conhece o bem senão passado.
 Em mim o caso soube desta historia,
 E no que me mostrou já meu cuydado
 Vejo no que não vejo, & no que via.
 Quaõ pouco tempo dura huma alegria.
 Quanto melhor me fora se não vira
 Hum enganoso, & vaõ contentamento,
 Que ainda que faltarme alli sentira
 Era muyto menor o sentimento,
 Mas vio minha alma o bem, porque sospira,
 Foy tras elle seguindo o pensamento:
 Que como era novel não conhecia
 Quam pouco tempo dura huma alegria.
 La numa regiaõ muyto escondida
 Dizem, que gente humana vive, & mora,
 Que por ordem dos Ceos não corrumpida*

De Francisco Rodrigues Lobo.

Ve cada dia o Sol huma só hora.
 Bem fora venturosa a minha vida
 Se por esta medida o bem lhe fora,
 Mas tive só huma hora em hum só dia,
 Quam pouco tempo dura huma alegria,
 Foy hora, & foy taõ breve que passou
 Qual passar soe o rayo transparente,
 Hora que no começo se acabou
 Para se conhecer depois de ausente.
 O tempo em fim por hora ma contou;
 Que sempre esconde, cega, engana, & mente,
 Mas verdade era o que elle me dizia,
 Quam pouco tempo dura huma alegria.
 Porém vòs fados meus, que permitistes,
 Que taõ cedo este bem seme acabasse,
 E que taõ largas horas, & taõ tristes
 Hum taõ breve momento me pagasse.
 Naõ me encurteis o bem com que fugistes,
 Pois em tempo o naõ vi que me alegrasse;
 Vio para me ver nesta agonia
 Quam pouco tempo dura huma alegria.

A Cabada a cantiga, que a todos moveo a faudoso sentimento, & muyto mais aos que por amor o conheciaõ. Apartaraõse os guardadores pelo valle para com a decida do Sol recolherem seus rebanhos ainda naquelle piqueno espaço, que ficava do dia o buscou Eilea para se encontrar com a pastora Enalia, porque sua desconfiança naõ soffria tardarlhe com defenganos, mas vendo, que naõ se apartara da companhia, tomou só o caminho do monte junto da noyte, cantando o seguinte.

Tudo pôde huma affeyçaõ.

He muyto fraco poder
 O de quem teme a ventura,
 Que se ousa acometer
 Juntamente ha de temer
 Como em cousa mal segura;

Mas se aforça de hum cuydado,
 Que vive da opiniaõ
 Despreza a ventura, & fado
 Em quem vive neste estado
 Tudo pôde huma affeyçaõ.

Pode

Póde a pena fazer gloria,
 Fazer facil o impossivel,
 O cativeyro vitoria,
 O mor descuydo memoria,
 E visivel o invisivel.
 Vencer póde a liberdade,
 O juizo, & a razão
 O desengano, a verdade,
 Que quanto pinta a vontade
 Tudo pode huma affeyção.

Estranho effeyto de amor
 Que a seu nome honra, & fama,
 Dino do mayor louvor,
 Que he no mundo o mor senhor
 Aquelle que melhor ama.
 Vence o tempo leve, & vaõ,
 Vence as mudanças da sorte
 Só na fê da persunção,
 E ainda que não falta a morte
 Tudo póde huma affeyção

FLORESTA SEPTIMA.



PPARECEO o Sol ao outro dia encuberto, como que não oufava sahir do seyo das nuvens, de modo, que passada grande parte da manhã, não sahirão ao pasto com os rebanhos. Com tudo, porque cuydados não deyxão perder tempo, não respeytou Lisea o que os outros receavão, sahio com o seu fato por hum caminho mais desviado, & levando as cabras por huma fraga acima, entre muy espessas giestas, que com a fermosura de suas flores, & o esmalte do crystalino orvalho, faudolamente se movião, & sentada debayxo de hum penedo, esteve vigiandó o valle, buscando com os olhos quem trazia nelles. Quando vio atravellar por entre as oliveyras descêdo para o prado, hú Vaqueyro, que diante levava huma vaca loura manchada de branco, com huma Estrella na testa, & hum novilho da mesma cor, & traz elles hia tangendo huma sanfonina tão suavemente, que os passaros do ar se tornavão aos ramos vizinhos, & delles pendurados o ouvião, & não muyto longe vinha Enalia com as ovelhas ao longo do rio, a qual suspena no tanger, se deteve encoitada ao tronco de hum amieyro, atè que o Vaqueyro alli chegou, & saudando-o lhe disse: Deos salve o Vaqueyro, que tambem tange, ditosa a Pastora, que te ama, & te merece, se em o mais tem a mesma razão de viver contente. E a ti (disse elle) de o que desejas, que bem será mayor ventura a de quem te serve, que a de quem for senhora de
 minha

minha liberdade. Não creyo eu, pelo que em ti vejo (respon-
deo a Pastora,) que te sugeytasses sem grande occasião, &
tambem conheço a pouca, que tenho de ser querida, mas se em
meu parecer achas alguma parte para te pedir por ella, te
rogo, que cantes alguma cousa dos teus amores. Hora (repli-
cou o Vaqueyro) pois te pareceo bem a minha sanfonina, pó-
de ser, que a vòz tenha a mesma ventura, cantarte-hey huma
cantiga, que já cantey em outra parte, a quem a tinha muy-
to mayor em meu coração. Dize por tua vida (tornou Ena-
lia,) que nisso ma daràs, & eu ta offereço para o que for de
teu serviço. Logo o Vaqueyro, depois de tanger hum grande
espaço, começou a cantar estas endechas.

E Squiva serrana
Fermosa, & discreta
Inveja do valle,
E gloria da serra.
Tu que contra amor
Moves tanta guerra
Cos olhos azuis,
Das pastanas negras.
Inda que fermosa
Não sejas izenta,
Que ser mais esquiva
He ser menos bella.
Não fujas ligeyra,
Que estaràs cançada,
Para seguir depois quem te
— não queyra.

Ainda que os cabellos
Em louras madexas
Feytas crespos rayos
Como o Sol te cercaõ.
Inda que se mostre
No Ceo dessa testa
Ser a neve escura
Posta junto a ella.

Inda que os teus olhos
Para mór belleza
Tenhaõ cor do Ceo;
E lume de estrellas
Não fujas ligeyra,
Que estaràs cansada
Para seguir depois quem te
— não queyra.

Ainda que essa bocca
Com razão pareça
Mina de rubins
Em cristal aberta.
Inda que o final
Sobre a face bella
De escuro entre as rosas
As do valla seca.

Ainda que amor
Cres que te obedeça
Sobre mil seguros,
Guarte não no creas,
Não fujas ligeyra.
Que estaràs cançada,
Para seguir depois quem te
— não queyra.

Essa

*Essa liberdade ;
Que agora sustentas
Naõ na guarda amor
Que vive de invejas.
Ay do meu cuydado ,
Que naõ lhe aconteça
Ter nestes desprezos
Vinganças alheas.*

Primavera

*Se por ser vaqueyro
Tanto me desprezas ,
Mal baja ventura,
Que me nega ovelhas.
Naõ fujas l:geyra ,
Que estaras cansada
Para seguir depois quem te
— naõ queyra.*

T Al he a minha Pastora (disse o Vaqueyro) qual ouvieste , & eu tão pouco engraçado nos seus olhos , que nunca mereci ver differença nos disfavores com que me tratão; julga agora , sendo ella tão fermosa , se tem razão , & eu sendo tão mofo se tenho alguma de esperar galardão do que lhe quero. A isto respondeo a Pastora , que com muyto gosto o escutara. Em ambos vejo may grande a razão de ser envejosa , nella além de tantas partes de fermosura achar quem assim sayba amallas , & conhecellas; em ti além das que tens , ser tão bom amante , que entre taes desconfianças mostras mayor fé. Porém nem ella será tão mal aconselhada , que a não estime , nem tu tão desfavorecido , que sejas engeytado ; mas ha huns mãos de contentar , (ou quasi todos os homens o faõ ,) que por se não satisfazerem com o que o tempo lhe dà de seus amores , se mostrão nelles desesperados , & isto se póde crer mais , que o que tu apregoas. Folgo (replicou o Vaqueyro ,) que me tenhas por mão de contentar , & bom cobiçoso , que já se o for do que vejo , peccarey por minha condição sem te fazer offença. Desse peccado (tornou ella) estás seguro , que quem está tão bem empregado , não escolhe tão mal , & se o dizes com engano tambem sey os que correm , & o que tenho em mim; & assim por ambas as vias perdes o feytio. De perder sey eu (disse elle ,) porque nunca me aventurey , que ganhasse , mas nem o emprego , que já fiz , me podia tirar este , nem posso fazer engano a quem sabe o muyto , que se lhe deve ; antes póde servir de merecimento , onde os outros faltão dizer , que soube amar bem , porque vendo a differença , que tens de todas , julgarás a que farey em te querer , se me aceytares por teu Vaqueyro.

queyro. Tanto diràs dislo (lhe respondeo Enalia forrindo,) que me arrependa de te gabar de bom amante, & não me parecees tão mal, que te deseje fazer este, pelo que te rogo, que mudemos o proposito, & me digas aonde levas essa vaca, & novilho, que tão termosos são. Deos tos guarde? Estes (disse elle) levo de presente a huns noyvos, que se hão de receber o dia da festa, que he à manhãa, se elles te contentão, ou os mais da boyada, como do seu guardador te podes servir. A tua vontade estimo eu muyto (respondeo ella,) mas a offerta está melhor empregada, & pois te has de achar à manhãa nos folgares, là me veràs, com isto se apartou, & o Vaqueyro continuando com a musica de sua sanfonina, foy seguindo o caminho, que levava, & Enalia atraz do seu gado, foy cantando esta cantiga.

*Puz a vida na vontade,
E ambas puz noutro querer
Tem, que se hão de perder.
Com razão vivo em receyo
Deste mal, que busco, & quero,
Porque me nace o que espero
Do que sem tempo me veyo,
Fiz o meu querer alheyo
Perdio, & devo temer,
Que a vida se ha de perder.
Que esperança será a minha
De ter noutrem liberdade*

*Perdendo a propria vontade
Quando em meu poder a tinha:
Deva a quem lhe não convinha
Porque está noutro poder.
Temo, que se ha de perder,
Eu tras ella ando perdida.
E ella perdida atraz quem
Nenhuma lembrança tem
De ver que vay nella a vida
Ambas leva de vencida
Quem noutrem põem seu querer
E ambas neste eyde perder.*

Ainda tinha pouco andado do valle, quando encontrou Lisea, a qual do penedo donde estava a divisou, & parendolhe tempo para a pôr em odio com Lereno, confiando dos meyo, que para isso tomava, & da pouca firmeza, que a idade de Enalia promettia, que faria mudança em seu intento, com a dissimulação, que lhe convinha, chegando a ella a faldou, & disse: Melhor me succedeo à vinda do que cuydava, pois na ventura venci o desejo, que acodindo à musica do Vaqueyro, cheguey a ouvir a tua, que em extremo desejava, &

foy

foy ella tal , que me deyxou entre mil invejas. As que tu fazes (disse ella) a quem te ve, daõ a conhecer esses lanços de confiada , mas eu o quero ser do que cantey , com quanto me pelou não ouvires o vaqueyro , que por extremo he engraçado. Tinhas arte (respondeo Lisea não pouco maliciosa) de lhe estares affeyçoada , segundo o ouvias a teu favor, valeote ter raizes noutro lugar. Raizes não (disse a outra) porque as não consente minha opiniaõ em final da liberdade de que me prezo : Que fora (tornou Lisea) se eu não soubera , quem he senhor della , & em que parte prendem as tuas raizes. Parece-me a mim. (replicou Enalia) que nunca dey folhas por onde alguem mas achasse , deve ser essa tua sospeyta enganada , pois eu , que sey melhor os meus segredos , não sey esse : folgarey , que te defenganes , ou me digas o que presumes. Antes (disse a outra muyto segura) quero que vejas clara a certeza , que tens por encuberta , & pode ser que da tua letra a conheças. A isto ficou a pastora sem cor receando o que podia ser , & tirando Lisea do çurraõ a carta , que tirara da mão a Lereno , & conhecendo-a Enalia ficou muda. Não me negaras (disse a outra) que da tua mão desse esta carta na de Lereno. Não (respondeo ella) nem merece menos que fazer esta confissãõ , quem emprega taõ mal tua vontade , que a poem em hum descortes , & ingrato pastor. Nessa conta o não deves ter (replicou ella) pois o que te obrigou a fiar d'elle esta carta , o forçou a que ma desse , antes avias de estimar muyto occasiãõ , que ao menos te servira de aviso , & defengano para o que d'elle esperavas. Tanto te quer Lereno (disse Enalia) & em taõ pouca conta me tem a mim , que poem em tuas maõs o que eu só da sua confiey ? Não querera o Ceo , ainda que eu tenha o que mereci , que elle não pague o que me fez. A ty por agora rogo , que como mulher me guardes o legredo , que elle me devia , & me tornes essa carta , pois he minha , & em maõ alhea corre perigo. Obrigote minha fê (respondeo ella) que ainda a quem tu queyras que a veja , o não sayba de mim , a carta te não posso eu dar sem licença de quem ma deu , mas te asseguro de que outrem a veja , até tornar a tua maõ. Com estas palavras se aqueitou a enganada

da pastora, & com as lagrimas nos olhos deyxou a Lisea contente do successo, cuydando, que nelle estava o de seus amores mas considerando depois o que lhe faltava para o acabar, & as mudanças que a ventura tem, se assentou ao pè de hum salgueyro junto do rio, & ao som das agoas, que nelle quebravaõ, cantou o seguinte.

V Enci por arte hum perigo,
 Duvidoso,
 Mas outro mais perigoso
 Busco, & figo.
 Para poupar o inimigo,
 Que me mata
 Offendo a quem o maltrata,
 Quem vio tal.
 Que eu busco forças ao mal
 Com que amor me disbarata.
 Permita elle que não seja
 Esta vitoria.
 Dar a quem me vence a gloria
 Da pelleja.
 E que me não faça inveja
 Conhecida:
 A que levo de vencida,
 Neste engano,
 E que não busque em meu damno
 Armas para ser ferido

*Mas amores tu me defendes,
 E me aprazes,
 Porque só do que não fazes
 Te arrependes,
 Se eu offendo, a ti te offendes,
 Que este enleo,
 Com que meus males grangeo
 He sem temor,
 Porque nas obras de amor
 Vence a vontade o receo,
 E pois guias o começo
 Como quero.
 Faze que veja o que espero
 Do successo,
 A vida te dou por preço
 Se maderes;
 E se de meu bens quizeres
 Só ser Rey
 Em teu nome gozarey
 As merces que me fizeres.*

Atalharaõ ao seu cantar os pegureyros, que andavaõ ao longo do rio colhendo ramos, & canas verdes para ao outro dia enramarem as cabanas, & porque em velperas de festa os guardadores recolhiaõ mais cedo o gado, levou Lisea o seu aos curraes, não perdendo a lembrança de seu cuydado, que aonde os de amor tem lugar, sempe occupaõ o melhor. E como este, & o fervor da idade não consentiaõ a Enalia de liberaçaõ, foy logo buscar a Lereno, & encontrando o perto da cabana, lhe fallou, & vendo que elle mostrava semblante

te ledo, disse. **Ha** não mundo, Lereno, que te sabes fingis para mostrar bom rosto a quem tens taõ ma vontade? ao que elle respondeo muyto rizonho, se tu sabes a verdade da minha, para que a tratas mal, que ainda em zombaria he ingratakaõ, só hum queyxume podes ter della & he não mostrar no rosto o lugar, que te da no coraçãõ. O que me tu das como inimigo (respondeo elle) te não mereci eu pelo que te quiz, mas fieyme de ti, & ainda senãõ conhecera as tuas palavras com ellas me enganaras por quam bem me pareciaõ. Agora (disse elle quasi turbado) sospeyto que fallas de siõ, & se tal he não me tenhas suspenso. Como tu dissimulas (respondeo Enalia) assi me veja eu vingada, pois com hum engano queres testituir o descre dito em que me puzeste. Se a minha carta te aborreçia, não bastava conheceres a causa donde natceo para a não entregares em mãos de Lisea? Se mostrar que te amava, era erro, não bastava por castigo, que me desenganassem? que ley? que fé? que amor contente? que grangees a custa de minha honra a vontade alhea. Enalia (disse o pastor bradando) espera dizeme o com que me condenas, & de que te queyxas, que te juro que o não sey. Se queres (profeguiu ella) que te conte a historia, para te renovar o gofsto della, atẽ isso farey, porque espero ter em tudo vingança, que nunca ingratos perderãõ castigo; dormias, & eu vigiava para te buscar, não cuydando, que nisso buscava minha morte, puz hum ma carta na tua mãõ de que soltaste o cajado, & esta achey agora na mãõ de huma inimiga a quem a deste, & sem razaõ lhe chamo este nome, pois tu só o mereces, que desculpa me das, para que com diferentes estremos não mostre ao mundo, que es hum traydor desconhecido? Nãõ pode arazaõ ter valia (disse o pastor) onde a payxaõ esta taõ poderosa, mas quero Enalia, que com ella vejas o pouco fundamento de teus queyxumes, & mostrarte essa carta se he huma que acordãdo estoutro dia ao longo do rio me cahio sobre o peyto, a qual, nem eu tenho por tua, nem ategora sahio do meu curraõ, & dizendo estas palavras, que ella jã ouvia mais quieta, tirou a carta, & lendo a pastora conheceo a letra de Lisea, & julgou das palavras o que com a sua podia acontecer. Porém
 nesse

nesto tempo apparecerão por cima do outeyro outros pastores, & Enalia sem despedirse, tomou o caminho do valle, despedindose com os olhos de Lereno, levando consigo a carta, sobre que já hia fundando suas vinganças, lendo-a muytas vezes, & achando mais clara a innocencia do pastor, & a malicia de quem a trocara, quey�andose de si por quaó mal tratara a quem tanto queria, coula natural de quem ama; mas porque o dia era acabado se recolheo, & Lereno com os mais pastores ficou praticando nas festas da Aldea, que em bens, que chegando passaó, o melhor saó as esperanças.

F L O R E S T A N O N A,



AHIO a rosada Aurora a descobrir o dia, & tras ella veyo o Sol taó fermoso, que Thetis desejava a vinda da noyte, para com inveja das estrellas, gozar nas agoas sua fermosura. Vestiaóse os pastores de festa, afinavaó os instrumentos, coroavaóle de flores as pastoras, & com vestidos de varias cores, & divisas começavaó a celebrar a gloria do dia: estavaó as cabanas enramadas, & com namoradas tençoens sobre as portas, as ruas cubertas de verdes, & floridas espadanas, onde se ouviaó já as frautas, & tamboris das danças dos pegureyros, as folias da alvorada, & entre tudo o balar do gado, que os pastores traziaó, concertava tal armonia em os coraçõens presentes, que ainda os que eraó a cuydados de amor sugeytos os sentiaó menos, & com este meyo dissimulou Enalia os seus, assim que tomando delles licença, se ornou para a obrigaçãõ dos folgaes, que se faziaó em hum espaçoso valle, que além da fermosa verdura com que a natureza o aventajou de todos os daquela ribeyra, estava cercado de muytas arvores verdes, que postas em muro por huma parte o rodeavaó, & da outra o rio, que có faudola volta o vay cercado por entre os seus altos arvoredos, & assim de entre elles, como na espessura, que de fronte faziaó ostralplantados ramos, avia muytas fontes de artificio, & muytas figuras pastoris, que em vulto representa-
vaó memorias antigas em honra dos pastores. No meyo de
T todas,

todas , sobre hum penedo cuberto de verde era ao pè de hum freyxo , de cuja altura cahia huma vide , a que com a verde latada de tuas folhas fazia no alto hum gracioso guarda pó, estava levantado o latyro Paó, deos dos pastores, como os antigos o pintaraõ , com a sua frauta de canas, coroado de suas folhas , de entre as quaes sahiaõ muytas flores ; que em ramalhetes le juntaraõ sobre os cornos ; dos altos ramos cahiaõ pendurados todos os instrumentos necessarios à pastura dos gados , & à musica dos pastores , & junta a raiz do penedo sobre dous rafeytos , que muyto ao natural representavaõ , avia hum quartel , no qual sotilmente estava entalhado este foneto.

N Inphas as que fugis de quem vos ama,
E a morte a muytos dais mal merecida ,
E tendo por vitoria tal fugida

Cahis nas mãos do fado , que vos chama.

De huma Nimpha cruel vos lembre a fama,

Que do sylvester Paó foy taõ querida ,

E por ingrata , & dura convertida

Se vio em cana vãa , & em verde rama.

Aquelle peyto bello , ingrato , & duro

Jà transformado em cana , a frauta amada

Tem della o vencedor pera divisa ,

Naõ ha contra o amor poder seguro ,

E mayor pena a sorte tem guardada

A quem de alheos males naõ se avisa ,

Naõ muyto longe desta estancia sobre o arco de huma fonte , que com estranho artificio sahia de hum remanço do rio, estavaõ sentadas Ceres coroada de loutas elpigas com huma fouce na mão direyta , & na outra hum arado. Pomona com huma capella de verdes fruytas , sacodindo huma arvore, que com o peso dellas se vinka a terra: & Flora com hum vaqueyro de primavera, & huma grinalda de flores sobre os cabellos, & na mão huma poma de cristal lavrada de laçaria de ouro, deque estava soltando cheyrosos borrifos , que cahiaõ sobre
a natural

a natural verdura do deleytoso prado. De fronte dellas estava sentado sobre hum penedo o pastor Paris, & diante delle cubertas de sotil vèo as tres deosas, que pretendião a maçã douro, que elle tinha na mão, mais duvidoso na escolha da peyta, que na verdade da justiça, & sobre huma faya a que Venus estava encoitada, se via este letreyro.

*Foy o juizo de amor
De belleza a diferença
Entre Deosas, & a sentença
Foy dada por hum pastor.*

Abayxo desta estancia ao pè de hum loureyro (de cujo tronco sahia hum esguicho de agoa, que em hum tanque de espessa murta com estranha ordem se escondia) estava Apollo em traje de pastor còroado de suas folhas escrevendo no tronco este letreyro,

*Do amor, que a Daphne tinha.
Este teve amor ventura,
Que em si esconde a figura
Deyxando a sombra por minha.*

Fronteyro desta estancia a sombra de dons copados salgueyros, estava Mercurio vestido de Pastor, tangendo diante o Vaqueyro Argos a sua franta, o qual dos seus olhos adormecia, descuydando-se com a suavidade da musica da vaca, que guardava, & dizia huma letra, que estava sobre hum salgueyro.

*Mal se defendem os olhos
Do que os sentidos engana.*

A Qui se ajuntarão todos os Pastores daquella ribeyra, & de todos os montes vizinhos, & có grãde alegria, & alvoroço, occuparão o terreyro, mas não tardou muyto, q̃ de hũa Lapa ao lógo do rio estava encuberta entre hũas aveleyras, sahio hum sátyro cuberto de folhas de era, & na cabeça sobre os cornos huma capella das mesmas folhas tecidas com muytas

flores sylvestres, & traz elle sahio huma dança de Pastoras com capirotos de verde claro com vivos, & borlas brancas, pellicas crespas, & alvas, debruadas da cor dos capirotos, & em lugar de cajados canas verdes nas mãos, & estas tomando o terreyro, dançarão com estranha graça, & gallantaria ao som de hum salteyro, que o fátyro lhe tocava, & fazendò suas ordenadas mudanças, forão offerecer ao semicapro Pão as verdes canas, em memoria da sua Nimpha nellas convertida. E acabadas as continencias de cada huma, duas ao som de novos instrumentos cantarão o Soneto, que no quartel estava escrito, & acabado, se sahirão daquelle cerco, & logo por outra parte delle entrarão dous Vaqueyros anciãos vestidos de festa, dos quaes hum tangeo hum fanfonina, & outro hum arrabil, que com ella concertava, tomaraõ lugar no campo, & depois delles huma dança de pastoras com vaqueyros quarteados, & com grinaldas de flores tambem tecidas, que mais pareciaõ ter nascido alli naturalmente, que serem obradas pela mão da arte; mostraraõ ellas tanta em aparecendo, que quasi todos se descuydavaõ das que com tanto sabor tinhaõ visto, & ouvido. Lisea, que as guiava, vestia hum vaqueyro de quartos laranjado, & pombinho com franyas de prata, huma grinalda de jasmins, & cravelhinas, entremetidas com algumas rosas brancas, que entre verdes folhas de roleyra tinhaõ mais graça, humas alparcas abertas tomadas com alguns botoens de bemmequeres entre fitas laranjadas, com hum arco sotilmente lavrado, em cuja volta ficava a todas hum lugar capaz para comprender as tençoens de seus amores, que alguns por serem conhecidos, & outros pela galantaria com que encobrião o que mostravaõ erão de todas celebradas as divisas, a de Lisea era em campo de ouro hum Pelicano, ferindo o peyto sobre os tenros filhos, & ao pè dizia esta letra.

A' custa de minha vida

Sustento a de meus cuydados.

A Primyra da banda direyta, que todas vestião de encarnado, & branco, com as mais guarniçoens que aguia levava.

levava. Era Timbrea não menos namorada, que fermosa, tinha no arco pintada huma cadea cerrada em duas voltas, & no campo, que deyxava, em letras esmaltadas de ouro este mote.

Sentirey a occasiã

Deste mal, que amor me ordena,

Se com o tormento da pena

Me tirarem da prisaõ.

A Segunda era Nise, que izen a das penas de Alceo não conhecia nada das de amor, antes desprezava seus poderes, imaginando, que o de sua fermosura a podia livrar de fugeyçoens alheas; & levava no arco em campo de prata huma rosa metida entre altos espinhos, & ao pé esta letra muyto confiada.

Mais fermosa, & mais segura.

D Epois desta vinha a namorada Ardelia menos confiada no emprego de seus cuydados, do que lhe merecia que na alma os guardava, tendo por mais facil encobrir amor, que discontentala; & trazia no arco em campo branco hum Fenix, fazendo o ninho ao olho do Sol com esta letra.

Noutro me abraço, & consumo,

E he justo que o sefra, & tenha,

Pois nos olhos trago a lenha.

T Ras ella vinha a linda Florisa, a quem o perigo de hum segredo tirou o bem de huma affeyção; & levava no arco huma seta atravessada com o sangue te as penas, & dizia a letra.

Desta, que amor me tirou

Na alma a farpa se escondeo,

Mas o mal se conheceo

Pela pena que ficou.

A Ultima das de encarnado, & branco era Pinea tão livre como bella; & levava no arco em campo de ouro,

Cupido com as mãos atadas atraz, & o arco quebrado sobre a aljava, & dizia nella esta letra.

*Comigo não val amor,
E sem mim não tem valia.*

A primeyra das da outra parte, que vestião de azul claro, & amarelo tostado, era a fermosa, & descontente Oli-va, & pelo que esperava de sua affeyção, levava no arco em campo amarelo a roda da Fortuna tirada do eyxo, & ao pé este mote.

*Não dara corte a mudança
Neste mal em que me vejo,
Porque creceo no desejo
O que faltou na esperança.*

A Segunda era Risarda em extremo discreta, & engraçada, que posto que livre, sentia bem dos cuydados de amor, & por mostrar esta vontade, levava em campo verde hum melro, olhando para o laço, que lhe armarão, sem cahir nelle, & dizia a letra.

Nem lhe fujo, nem me enlaço.

A Que atraz della vinha era Learda, a qual tendo o seu Pastor muyto tempo ausente, se mostrou sempre firme, fugeytando os impossiveis com que o tempo lhe impedia guardar a fé de seus amores, desprezando os de Albano Irmão de Lisea, que era Pastor muy rico daquella montanha, & além dos bens do seu gado, tinha outros muytos da natureza, que não bastavão para a obrigar; levava no arco huma fonte, que impedida com huma mão a corrente, lançava a agua por cima com mayor furia, & dizia a letra.

*Pelo lugar donde nace,
Crece mais minha affeyção
Contra o poder da razão.*

A Que logo depois della se seguia era a linda Pastora Enal-
lia, não pouco offendida de quem a guiava, & tinha no
arco

arco em campo de Ceo hum Açor voando, & dizia a letra.

Tambem o ousado recea,

E ambos temos por guarida,

Sustentar a propria vida

Acusta da morte alhea.

NO derradeyro lugar vinha Clarea, que em premio de seu amor mal empregado, sofria os disfavores de Albano, & trazia no arco em campo branco huma borboleta, que se acendia em o lume de huma vela enganada na fermosura de sua vista, & dizia a letra.

Quero bem a quem me mata.

FOy esta mostra tão fermosa, que todos julgavão, que na vista dos trajos, & dividas se gastasse o dia, que ainda para tantas galantarias era pequeno; mas muyto melhor parecerão, quando cada huma dançando mostrou sua graça, & desenvoltura, levando fugeytas atraz de si as vontades dos Pastores, que as olhavão, & com estas se sahirão do terreyro, onde logo se começou a ordenar a luta, cujo preço era hum novilho branco, manchado de negro, com o pé, & mão direyta calçado, o topete louro, & crespo, donde lhe descia huma sylva branca, os cornos de meya volta, raiz negra, & ponta aguda, estava atado a hum alto amieyro com huma capella de muytas folhas, & em quanto os cobiçosos lutadores se concertavão para a contenda, entrou huma folia dos guardadores da ribeyra, com vaqueyros verdes semeados de malmequeres brancos, & amarelos, & os da outra parte de leonado, semeado de flores de borragem, o tambor trazia hum vaqueyro quarteado de ambas as cores, & guarniçoens, & assim elle como os mais, trazião capellas de sylva, & erva cidreyra, & entremettidos alguns cravos miscrados, estes cantando graciosas chacotas, rodearão com muyto alvoroço o terreyro, atè que ao som das trombetas, & sanfoninas sahirão ao campo os que nelle havião de lutar, dos quaes o primeyro foy Clorino, nomeado na montanha por Pastor de muytas forças, & maravilhosa destreza (como logo alli mostrou) à custa de Penalio, que

não lhe valendo a arte dos pés, em que tinha mayor subtilidade, depois de grande espaço veyo à terra, onde se elle quizerá ver soterrado por não padecer tal vergonha diante de Olivia, a quem era affeyçoado, & até a sua presença lhe valeo pouco, & menos a Faiardo, que aindaque era em forças aventajado, & duas vezes levava o contrario de vencida, houve-se com tanta arte, que falsandolhe huma travessa, o revirou por cima do hombro esquerdo, deyxando-o estendido no campo, aonde ficou por hum espaço sem sentido, até que seus companheyros o levãrão, & os de Clorino o cobrião de ramos verdes como a vencedor; & todos os mais Pastores, vendo que já nenhum se aprestava para lhe fahir, tinhão por sua a vitoria da luta, mas não imaginava Lucelio (hum Pastor estrangeyro natural do Leça) que ainda determinava provar a ventura, & de supito pareceo no terreyro com tanto animo, que Clorino com sua vista perdeo parte do que tinha cobrado; mas ainda com mostras d'elle, remetteo o ganharlhe os braços, porém achou-os tão duros, que pertendia já igualar com as artes forças, q a Lucelio aventajavão, mas nesta era elle tão dístico, que arcando ambos vierão a terra, trazendo Lucelio o contrario diante de si, com o pezo de suas forças sojugado, & elle se livrou ainda de maneyra na pancada, que ficou a queda duvidosa, & mandandolhe os Juizes contender de novo, aindaque Clorino andava ahlás cansado, animosamente se defendia; com tudo, entadado o outro de elle lhe durar tanto, procurou soltallo do ar com tanta furia, & o contrario vendo-se em aperto, lhe lançou as mãos ao pelcoço; mas falsandolhas Lucelio com a cabeça, elle cahio em terra com grande desmayo de seus companheyros. Logo alli começãrão as festas, & grita dos Pastores, tornãrão as danças, & as folias, & com as ceremonias acostumadas derão ao vencedor Lucelio o preço da luta, & acabada ella, porque já se faziã tarde, sahirão quatro Pastoras muy ricamente vestidas com seus vaqueyros roxos franjados de branco, & grinaldas de flores sobre os dourados cabellos, & ao som de quatro violas de arco, que tangião, cantãrão a seguinte Ode.

De Francisco Rodrigues Lobo.

297

Já vay fogindo o dia
Por entre os altos montes,
O sol se vay nas ondas escondendo
Já como antes feria.
Naõ toca as claras fontes,
Antes em suas agoas se está vendo
Deyxando o verde louro
Para ir mostrar ao mar seu rayos de ouro.
Já o vento em mudece,
Que andava na verdura,
Fazendo entre as boninas nova inveja,
Com sombras se entristece
Dos ramos a espessura,
Onde nuda se vê, que alegre seja;
Os passarinhos ledes
Mudos descanção já nos arvoredos.
O Ceo mostra escuro,
Escurecese o prado
Esperando outra cor da luz alheia,
Só se ouve o murmuro
Do Lis, que já cansado
Com as ondas abraça a loura areia,
E junto à relva verde
A fermosura, a corza graça perde.
No extremo Occidente
As nuvens rutilantes
De roxo escuro já se vaõ fuzendo,
E do claro Oriente,
Estrellas de diamantes
Por entre as pardas sombras vem rorpendo.
E aufente a luz Phehea
Diana sobre agoas alumea.
Deyxemos a floresta
A' triste Philomena
Que ao longe já de nos se vay queyxando.
Acabe a nossa festa,
Comece a sua pena:

A meo

De Primavera

*A memoria dos males renovando
 Que para huma alegria
 Sempre cobrou o Sol horas ao dia
 Viva em nós a memoria
 Deste contentamento
 Em quanto o prado der pasto aos carneyrós.
 E creça sempre a glória
 Do novo vencimento
 Assim nos naturaes, como estrangeyros,
 Celebrem os Pastores
 O devido louvor de seus amores.*

A Cabando de cantar, & sahindo do terreyro as quatro Pastoras (porque a festa era acabada) cada hum guiou para sua cabana, enchendo de musicos assentos todo o valle, que com o mudo da noyte consentava estranha armonia, atè que em breve espaço ficou o prado só, & a noyte, scura, offerecendo doce repouso aos trabalhos do dia, que ainda que os de gosto se não sentem, depois pelo costume todos cançãõ.

FLORESTA DECIMA.



Passatempo das festas, & alegrias dos Pastores, não tiverão a Lereno o sentido de seus cuydados para quem guardava o melhor do dia, & ainda que no passado não pode fugir ao ajuntamento dos outros Pastores, pertêdia recuperar esta perda q̃ tinha por grãde, a em entregar aos outros à tristeza da saudade, & ao receyo de lhe saltar a gloria promettida, que era ver a sua Senhora ao outro dia no valle desconhecido, & gastando as horas na esperança desta, se foy com as ovelhas descendo hum outeyro sobre o valle, onde pastava, & desviado hum pouco dos rãteyros, foy ter a huma fonte, que ficava entre duas lobidas, que naquelle bayxo se causavão, & estava ella tão escondida entre huns penedos cubertos de lingua cervina, que etcaçamente se conhecia pela queda das lagrimas, que cahião do alto, estylladas pela verde avenca, que sem semolhar as delpe-

dia

dia sobre o claro remanço. Chegando o Pastor á vista della, se deteve no estreito caminho por não estrovar a hum royxinol, que de hum ramo de aveleyra com saudosos aslovios, fazia hú sonoro ecco entre os montes, & depois de redobrar com mil queyxumes a cantiga de hum voo, se passou para humas arvores altas, que da outra parte ficavão; então foy o Pastor adiante, & ficou muyto mais confuso vendo a Lisea, que sentada sobre huma pedra da fonte tinha em o chão escritas estas palavras.

Tive enganos por ventura;

Para sentir mais meu damno,

Se he mal viver de hum engano,

Cemo hum mal tão pouco dura?

A O movimento dos ramos, que ferravão o estreito caminho, virou Lisea o rosto, & vio a Lereño, & aindaque magoada delle, pelo que Enalia lhe contára, não pode o amor que lhe tinha negar seus effeytos, mas dissimulando o mais que lhe foy possível o gozto de o ver, lhe disse. Como vens Lereño a buscar o castigo que mereces, se eu fora tal, que soubera tomar vingança de tuas sem razoens, & satisfação de minha magoa? Porém tanto me sejeitou amor, ao que te quiz, que em lugar de queyxarme, te offereço lagrimas com que me contento, pois nalcem da causa que busquey para ellas, & dizendo isto inclinou a cabeça sobre a fonte, & com novas gotas de crystal a revolvía. O Pastor, cujo coração não negava a payxoens amorosas piedade, se vio enleado, & conhecendo a causa, pelo que já Enalia lhe dissera, tomando-a pelo cajado, lhe dizia. A essas lagrimas injustas, bem he, que pague com a vida o ter causa dellas, mas aindaque por ti seja voluntaria a morte, se executará em hum innocente, que te offendeo sem saber o que fazia; levanta o rosto de sobre a fonte, & com os olhos no meu te assegura, que te não offendi, nem me falta sentimento de teus queyxumes; declarame os que tens, que se com a vida puder darlhe remedio, a entregarey à tua vontade. A isso se levantou a Pastora, & virando os olhos a Lereño, vio os seus, que com a mesma dor se encherão de lagrimas,

mas, & pezarosa daquella tristeza), que lhe pareço mayor mal (por ser experimentado em quem tanto amava) lhe disse com hum suspiro. Se elles sinaes Lereno são verdadeyros (como eu quizera crer,) porque em outros te acho meu inimigo? E se as minhas lagrimas te magoárão em fé, que te pezou de meu desgosto, porque de duas cartas minhas partiste pelo meyo com Enalia, dandolhe aquella, cujo segredo mais me importava? Que pena merece (tornou Lereno) quem dormindo fazia erros contra ty, porque lhos ordenava sua ventura, que tem força do fado, de crer he que não te offendesse, nem por sonhos? Veyo Enalia a mi muyto queyxosa, que te dera huma carta sua, de que eu não sabia, & perguntandolhe o modo porque viera ter a minha mão, me contou como nella a deyxara estando eu repoulando junto do rio; mostreylhe então huma, que da mesma maneyra achara quando adordey, não imaginando que era tua, como depois soube; confessando-me Serrano, que era outra, que antes me tinha dado da mesma letra, & com o pesar deste successo ando tão triste, que se a culpa fora minha, estava bem vingada. Não no quero eu ser tanto à minha custa (tornou ella) antes me dou por satisfeyta da tua descarga, & indo adiante lhe cortou as palavras huma voz, que perto dalli ouviraõ, como quem vinha endireytando para a fonte, & escutando de perto o que seria, conheceraõ, que cantava esta glossa.

Todos conhecem meu mal,

E ninguém a causa delde;

Eu sey que morro por elle

Contra elle nada me val.

Hum cuydado bem nascido, Sem ventallo, & sem dizello

Que amor n'alma me tem posto, Todos conhecem meu mal.

No peyto o trago escondido, O mal nunca faz engano

Mas elle de mal soffido, Por ser mais claro que o bem,

Logo se mostra no rosto: Não se encobre em peyto humano,

Que farcy para escondelo? Logo se conhece o dano

Se encubrilho me não val. Sem se saber donde vem.

Que por mais que me desvello, Ande o meu n'alma enserrado

Por mais que o rosto o revelle	Não no sayba mais ninguém
Conheção pois he forçado	Eu sey que morro por elle.
nascer de amor meucuydado,	E se sem segredo me enleo
Mas ninguém a causa delle.	He porque quer minha sorte
N' huma pena tão comprida	Induzirme este receo,
De huma só magoa me teme,	Pois que vindo donde veyo
Que he perdendo nella a vida	Me achava a vida na morte;
Não ser na morte entendida	Mas no tormento a que vem
A causa de hum tal extremo.	Tudo faz só por meu mal,
Se inda este mal me convem	E elle por me não dar fim
Quero ter segredo nelle,	Tudo lhe val contra mim
E ser sofrego no bem,	Contra elle nada me val.

A Inda não acabava o derradeyro verso da sua cantiga Learda, que era a que sobre a fonte, vinha decendo, quando vio a Albano, que conhecendo-a ao longe pela voz a veyo seguindo por entre o mato, & ella por lhe fugir, como costumava, saltou sem tino sobre a riba da fonte, aonde Lisea estava enlevada nas palavras do seu pastor, em cujos braços cahio com o sobressalto esmorecida, ao tempo que Albano chegou, o qual vendo a Irmãa encoitada no peyto de Lereno, ficou tem cor, & abrazado em ciumes, & ira, além da que tinha da fugida da pastora; começou a chamar a Irmãa de fementida, & desleal, ella, que ao tom destas palavras acordou, dando lugar a Lereno, que se levantasse, lhe contou como elle fora a causa de hum accidente, que naquelle lugar a inclinara, & o mesmo lhe disse Learda, com cuja vit-ta ouve de perder parte da colera com que vinha, & dissimulando a que ficava de sua sospeyta, pediu perdaõ a Lereno, que até então a rogo das pastoras esteve callado, & voltando depois para a sua formosa inimiga a quem seguia disse. Daqui julgara Learda os males, que causa tua ingratitude, que não só agravas ao que te quero, mas fazes, que offenda a quem sempre desejey contentar: porém para Lereno baste por disculpa a razão com que me enganey, & a Lisea a causa que me deu para esta sospeyta. Comigo (respondeo Lereno) estas bem disculpado, que só de Learda terey queyxumes, pois das
sem

semrazoens, que contigo usa, nascêrão as com que trataste mal a Lisea, & em pena do mal, que a ambos fez padecer injustamente, pedimos em satisfação, que de hoje em diante prometta galardoar melhor a affeyção, que te deve; com isto não quiz consentir a Pastora, porém com menos elquivança se desculpou, do que Albano se houve por satisfeyto, & todos em companhia se forão para o valle cantando o seguinte.

*Olhos em cuja conquista
Se perde a vista: & se alcança,
Quem vos vê: vê a esperança,
Que perde perdendo a vista.*

*Coração não receeis
Este mal que vou buscando
Que vos tão mal conheceis,
Que perdendo ganhareis
O que perdeis não ganhando
Meus olhos, que a vista terdes
Aventurais nesta vista
Não vos pese de a perderdes
Que perdendo-a basta vedes
Olhos em cuja conquista.*

*E vós causa principal
Desta ousadia, & receo
E deste atrevido mal
Olhos ante quem o cristal
Fica escuro, & fica feo,
O que em vossa cor se alcança
E o que eu quero o mesmo he
Se o não trocara a mudança
Que se vira quem vos vê
Quem vos vê, vê a esperança.*

*E inda que tudo percais
Em nada podeis perder,
Pois no que perdeis ganhais,
Que se a vista he para ver
Vos não tendes que ver mais;
Se este bem vos assegura
Olhos mostrai confiança
Para tanta fermosura,
Que onde a vista se aventura
Se perde a vista se alcança.*

*Como soe acontecer
Dura tão pouco essa gloria
Acabando de vos ver,
Que só fica na memoria
A vista para a perder,
Que essa cor fermosa, & bella
A quem nada ha que resista
Quem a vê perde-se em vella,
Pois vê a esperança nella,
Que perde perdendo a vista.*

DEpois de cantarem, se apartarão os Pastores para seus rebanhos, & ficou Lisea com Learda ao longo do rio (aonde os salgueyros, que a turva corrente do inverno arrebatara, deyxavão sobre a vea da agua os verdes ramos)
junto

junto de huma espessa lylveyra, que pelo areal se mettia dentro do rio, sustentada dos antigos troncos, que alli ficãrão, & dentro nella estava o Pastor Alceo dormindo a festa, de modo, que com a espeñura do matto, se não podia dividir. Alli tomou Lisea pela mão a Pastora Learda, & com palavras de amor, que até nos olhos lhe mostrava, lhe dizia, folgãra não fer parte em teus amores, por não fazer sospeytola a verdade do meu conselho, & assim te diria com menos receyo o que finto, & deyxando o respeyto de Albano (a quem por natureza estou obrigada) não consentirey, que sendo tão fermosa, sejas ingrata a quem te ama, por não ver alguma hora mal empregados os castigos de amor, em os quaes nem val a desculpa da innocencia, nem o poder de tua fermosura, & bem creyo eu, que se conheceras quanto custa querer bem, o não pagãras mal a Albano, nem houveras por interessada a minha razão. Não lhe sejas esquiva em paga de te ser affeyçoado, que he fazer contra o muyto que mereces. A isto respondeo Learda com os olhos bayxos, & a cor alterada. Cada huma de nós Lisea julgando pela experiencia, que tem de amor, seguimos nelle extremos muy differentes; tu pelo que conheces de quem amas, ou pelo que de ti tens alcançado julgas quanto custa amar, & eu tenho conhecido quam pouco val pela verdade que experimentey, & se te não for pezada ferey breve.

N O principio de minha tenra idade
Quando livre d'amor menos sentia
Os enganos, que trata a quem conhece
De sua sogeyçãõ mal entendida;
Quando da liberdade, que gozava
O preço não sabia despresando
Bens, que sô pela ausencia se conhecem;
Com hum pastor me criei desta ribeyra,
Do meu paterno sangue procedido,
Com tão livre querer, que não sabia.
Mais que quererlhe bem singelamente,
Com elle apacentava o manso gado,
Com elle as leves feras perseguia.

Com elle a tarde a festa , a madrugada
 Recolhia , & tirava o meu rebanho ,
 Mas como amor espreyta sempre o tempo ,
 E vio que neste estado se criava
 Fora de seu respeyto tanto amor :
 Foy elle com a idade grangeando
 Poderse descobrir seu senhorio ,
 Neste crescendo foy nossa affeyção
 Atè chegar a hum conhecido extremo
 Que mal se esconde o que nos olhos mora ,
 Eu vivia de vello , elle de verme ,
 Cada qual em seus olhos tinha a vida.
 Todo o nosso desejo ,
 Toda a nossa esperança
 Era ser elle meu , eu sua esposa ,
 Nisto a fé era igual , & a segurança
 Da vontade do Ceo só dependia ,
 Não quiz elle (ay de mim) tanta ventura ;
 Ou amor a invejou como tiranno.
 Aconteceo hum dia
 Passar por este valle huma pastora
 Peregrina no traje , & fermosura ?
 Que nas prayas do Tejo se criara ;
 E dellas se passava para o Douro ,
 Onde grandes rebanhos , grandes pastos
 Herdara de hum tia , ou da fortuna ,
 Que se quiz melborar da natureza ;
 Vio a esta o meu pastor (que nunca a vira ;
 Ou o Ceo em avendo me acabara)
 Tambem lhe pareceo , tanto vio nella ,
 Que eu nos seus olhos via o seu cuydado
 Sendo o mayor que tinha defendermo :
 Comecey a sentir.
 Diferenças de amor ,
 Enganos que cobrião huma offensa
 Mal merecida , & bem dissimulada :
 Já quando me fallava

Mostrava huma frieza ,
 Hum desejo , hum receo , outra vontade
 Differente daquella , que antes tinha :
 Mão he de sustentar amor fingido
 A quem já de verdade teve amores.
 Eu que a causa dos seus não conhecia
 Só com minhas sospeytas me enganava,
 Te que os mesmos ciumes descobrião
 Minha justarazaõ , & a culpa sua.
 Soube mais em meu damno ,
 Que aquella mesma noyte
 Com trajos differentes
 Avia de ir fallar a esta pastora.
 Entaõ me deu amor nova ousadia,
 Porque não pode dar-me paciencia
 Que não desesperasse em tanto aperto ;
 Mudo o trajeo tambem , mudo o toucado,
 A falla , o modo , o termo , o passo , o rizo,
 Em tudo natural ao da estrangeyra
 Por ver se com fingidas apparencias
 A graça da ventura lhe ganhava:
 Mas ay que em vão se muda o trato , a vida,
 E a sorte por mudavel sempre he firme,
 Quando nos males fixa a roda ingrata!
 Com o escuro da noyte poderosa
 Junto àquella cabana onde pousava
 Me subi no lugar mais alto della,
 Esperando o successo não cuydado,
 Eis quando o meu pastor
 Na volta de huns valados apparece
 Guiando para o posto com cautella :
 Como quem já de amor vinha insinado,
 E vendo me defronte
 Cuydando , que outrem via
 Com mimosas palavras me obrigava
 A crer o que dizia.
 E eu por melhor fingir via, & callava,

Representoume alli sua afeyção,
 Obrigoume a que cresce o seu cuydado,
 Sem procurar de amor outro interesse.
 Que faria coytada
 Quem pelo seu samente alli viera?
 Em mil desconfianças
 Lhe puz a propria vida;
 Deylhe mil desenganos
 Com asperesa ingrata,
 Te velo alli estar desesperado,
 Mas não no consentia de vontade
 Este meu coração, que hia temendo
 Por em risco huma vida
 Por quem mil vidas dera,
 Se tantas possuira,
 Ou se quem lha tirou tantas quizerá,
 Que mal fingir sabia crueldades
 Contra quem tanto amava:
 Mal me desobrigava das palavras;
 Que sempre me venciao.
 Em fim cortando as suas me apartey
 Por lhe não dar mais forças contra mim;
 Foy seguindo a pastora o seu caminho,
 Partiose para o Douro doscuydada
 Do que em sua figura acontecera,
 A ausencia certa mãy do esquecimento
 Mostrou no meu pastor o mesmo effeyto,
 Tornou ao mesmo estado,
 De lhe não lembrar mais, que os meus amores;
 Mas eu não soube ter hum bem tamanho
 Se não para perdello,
 Huma manhã dourada,
 Para mim triste escura,
 Que nunca a manhecera,
 Deciamos com o gado para o valle
 Ambos em companhia
 Em praticas de amor exercitando.

O juizo sogeyto a seus poderes.
 Não sey como assi foy, que ou descuydada,
 Ou tentada da sorte minha imiga
 Lhe chamey desleal, & fementido,
 Mudavel, & incapaz de meus extremos;
 Elle tendo a razão por encuberta
 Se ouve por offendido,
 E com rigor sobejo me culpava.
 Obrigoume a contarlhe a triste historia,
 Como me acontecera.
 Serviolhe a minha queyxa de lembrança,
 E a mi minha vingança de castigo;
 Apartouse demi, & vindo a noyte
 Se despedio tambem destes outeyros
 Sem dizer mais, que a elles, tal mudança:
 E estes meus tristes olhos, que o perderão,
 Choraõ de dia, & noyte a culpa minha.
 Hora julga Lisea do que ouviste
 Em quem terey amor firme, & seguro,
 Se neste fez o tempo tal mudança
 Em quem poderey ter firme a esperança?

Uvi a tua historia (disse Lisea) com o pezar que devia
 a desgraças de teus amores, de que com razão deves
 sentir o successo, porèm não te desobriga nelle o engano de
 hum Pastor, para que offendas outro, que de verdade te quer.
 E que segurança (tornou ella) terey de não ser engano, se aon-
 de havia tanto mayores razoens de confiança faltou a fé? Que
 hey de crer de quem ainda não tive experiencia? Nem eu te
 aconselho (respondeo Lisea,) que sem fazer prova clara da
 fé de Albano, te fies delle, antes que o experimentes muy de
 vagar em teus amores, & como nelles o achares, assim o tra-
 ta, que de outra maneyra será executar em hum innocente o
 castigo do culpado. Não te cances (disse Learda,) que não
 hey de provar de novo o que huma vez me custou tão caro,
 nem hey de empregar minha affeyção, mais que nos teus olhos,
 que me parecem fermosos, & sem engano; a ti quererey, a ti

velarey o gado, & por teu amor desprezarey a vida; & pois he tua não a procures para quem a destruirá em pouco espaço: & com estas palavras lançou os braços a Lisea, que entre os seus por hum pouco a teve apertada. Nestas palavras estavam, quando para ellas vinha huma Pastora com hum brial branco, semeado pela guarnição de miudas boninas, hum volante deytado ao desdem sobre os cabellos, com hum cajado de aveleyra na mão, guiando hum fado de cabras para o rio & tras ellas cantava estas endechas.

<i>Pastora que q' amor</i>	<i>Compra tudo caro</i>
<i>Descobre a vontade,</i>	<i>Poz vender barato.</i>
<i>Fia a liberdade</i>	<i>Corre hum mar mudavel</i>
<i>De amigo traidor.</i>	<i>Sempre perigoso,</i>
<i>Foge do perigo,</i>	<i>Quieto, enganoso</i>
<i>Cae na cilada,</i>	<i>Revolto, intratavel.</i>
<i>Vay meter a espada</i>	<i>Amor não conhece</i>
<i>Na mão do inimigo.</i>	<i>Nem guarda respeyto</i>
<i>Da a guardar receos</i>	<i>Por não ser sugeyto</i>
<i>A quem fé quebranta,</i>	<i>A quem lhe obedece.</i>
<i>E a quem se levanta</i>	<i>Sem vista, & sem fé</i>
<i>Só com bens alheos.</i>	<i>Nos quer conquistar</i>
<i>Toma por leal</i>	<i>Ve para atirar</i>
<i>Hum ingrato, a quem</i>	<i>Para o mais não vê.</i>
<i>Nunca se fez bem</i>	<i>Minha liberdade</i>
<i>Que não faça mal.</i>	<i>Guardaivos d'amor</i>
<i>Fia de hum contrato</i>	<i>Vivireis melhor</i>
<i>Com que o mais, avaro</i>	<i>A'vossa vontade.</i>

C Hegando mais ao perto conhecêrão as Pastoras, que aquella era Nise, que vinha de proposito mais fermosa, para obrigar de novo a Alceo, o qual acordando do lono ao tempo que Lisea entrou na sua demanda, callado esteve escutando o effeyto, que fazia na fermosa Learda, & vendo diante seus olhos, que sempre com rigoroso desdem, delles fugia, estava contente, porém ao tempo que Nise se entregou nos braços de duas Pastoras, lhe cahio ao fando do rio huma cabra cirrhada,

lhada a mais fermosa d'entre as suas, porq̃ enganada de hũ mal seguro torraõ, deu na corrente da agua, & as Pastoras sem lhe poderem valer choravão a perda della: mas Alceo, que a vio, se lançou ao rio como estava vestido, de cujo impeto ellas forão tão salteadas, que com estranho temor, desamparando o gado, fugirão para o largo do valle, imaginando, que era algum Fauno daquella ribeyra, & não se houverão por seguras até o ver sahir d'entre as ondas com a cabra sobre os hombros, & o vestido deytando de si huma nuvem de agua: então chegando todas a elle lhe derão graças do trabalho, em especial Nise, de quem a cabra era muyto estimada, lhe disse: Nunca me esquecerà Alceo o a que te aventuraste por meu respeyto, tendo por menor perigo o da tua vida, que a perda da minha res. Quizera eu (respondeo o Pastor,) que fora este hum golfo muy perigoso, & que me mostraras da outra parte teu desejo, a ver se desprezava o poder das ondas, & o bem da vida por te dar gosto, & te (como atégora me mostraste) o tens de meu damno, dizemo em galardão do que te quero, & padecerey por minha vontade, & peço isto neste lugar, porq̃ não sey se me darà outro minha ventura: Nise, que ouvia as palavras do Pastor, & que nos olhos lhe conhecia a verdade dellas, & o via que sahira d'entre as aguas por seu serviço, não lhe pode negar compayxão, & obrigada das companheyras, lhe respondeo: Sempre me pezarà de teus males, & não permitta o Ceo, q̃ por minha cauza padeças algum, q̃ já agora seria ingrata, ao que te devo, se não procurasse teus bens com muyto desejo, & ao tépo deyxop por agora o mais, com isto ficou Alceo tão satisfeyto, que o contentamento lhe tirou o poderlhe responder, mas com os olhos lhe mostrou o que a lingua não dizia; & porque era já noyte, se forão com o gado, & no caminho souberão de Alceo o como alli viera para merecer tal ventura, que como esta se não guia por razão, vay buscar a hum descuydado, que dorme, & foge de hum cuydadoso, que sempre vela.

FLORESTA UNDECIMA.



DEPOIS destes enleos de mudança, que Lereno passava na esperança de ver a sua senhora, contemporizando com Enalia, & Lisea, que cada huma com enganada confiança o procurava, veyo aquelle dia em que tinha havia tantos o desejo, & porque nenhum descuydo lhe encurtasse as horas, se levantou antes de amanhecer cuydando, que hia seguro de ser visto, quem até do Sol se encobria, & tomou o caminho junto a ribeyra do Lis, mas como quem a amor entrega seus cuydados sempre vigia, conheceo-o Lisea, que aquella madrugada se levantara por ouvir hum roixinol, que de sobre hum loureyro lhe cantava ao pé da cabana, & vendo que Lereno sahia da sua aquellas horas, temendose de alguma novidade, porque sempre amor vive entre receos, vestindose foy ao longe escondida seguindo tras elle ao longo dos matos, te que o vio entrar por aquelle desvio, sem devisar mais, que huma pequena abertura dos penedos, & alli não comprehendendo com a imaginação a causa, que o levava, o esperou, porém o pastor alheo disto como o desejo em que tinha a vida, tomou o caminho em que sua senhora o guiara, & subio ao monte por hum carreiro tão estreito entre os matos, que cuberto com os viçosos ramos de arvores sylvestres, não davaõ lugar a que caminhasse sem ruido, & sahindo por elle a hum alto, donde escondido descobria todo o valle, ouvio, que no bayxo delle cantavaõ vozes concertadas ao som de instrumentos diferentes, que com suave, harmonia se concertavaõ, & entendendo, que eraõ Nimphas daquelle fonte, porque alli entraõ as suas agoas na corrente do rio, com os olhos, & ouvidos para aquella parte as escutava; era o lugar (além do que entaõ o melhorava) muy aprasivel, & deleytoso, porque depois de estar entre muytas arvores de boa sombra, que tinhaõ semeada a relva das flores, que por entre os ramos andava sacudindo obrado vento, entravaõ com muyto ruido as agoas da fonte em hum remanço do claro Lis, que debayxo dos altos freyxos, que o cobriaõ

riaõ estava tremendo, & dalli com faudoso movimento se hiaõ despedindo as agoas daquela rocha, com cujo som fazia os musicos acentos mais faudade, & dizia a cantiga:

F Ermoso rio Lis, que entre arvoredos
Ides detendo as agoas vagarosas,
Atè que humas sobre outras de invejosas
Ficão cobrindo o vãõ destes penedos.
Verdes lapas, que ao pè de altos rochedos
Sois moradas das Nymphas mais fermosas;
Fontes, arvores, ervas, lyrios, rosas,
Em quem esconde amor tantos segredos,
Se vós livres de humano sentimento
Em quem não cabe escolha, nem vontade,
Tambem às leis d'amor guardais respeito.
Como se ha de livrar meu pensamento
De vender alma, vida, & liberdade
Se conhece a razaõ de estar sogeyto?

A Cabado o seu canto, que era a tempo, que já o Sol dou-
rava os montes, com a fermosura da clara luz, que der-
ramava, vio que sahiaõ de huma espessa mata sete Nymphas
cubertas de hum veo roxo franjado de prata com alparcas
femeadas de flores de prata, & sobre a cabeça capellas de
acipreste, & rosas brancas murchas, & com tranças de a zul,
& prata, tinhaõ em laços os cabellos, & quatro destas trazen-
do nas mãos hum tumulo, cuberto de branco por quatro braços
de purpureo coral, pondo em hum alto, que alli estava fey-
to de diverlas flores, o cobriraõ de outras muytas, & dalli a
pouco espaço vio huma Nimpha vestida com largas roupas
de cetim roxo com borbadura de aljofar, & deytada sobre o
tumulo tangendo as Nymphas sonoros instrumentos cantou o
seguinte.

R Eliquias faudosas, que em memoria
Ficastes de meu bem tão mal perdido,
De que hoje converteis em pena a gloria.
Se pde aver nas cousas sem sentido

Pela parte de amor hum sentimento,
 Que os poderes da morte tem vencido.
 Ouvi de minha voz o triste acento,
 Que suspendendo està nesta espessura
 O rio vagaroso, o surdo vento.
 E vòs alma fermosa bella, & pura,
 Que estais gozando agora livremente
 Eternos bens de vossa fermadura.
 Vòs alma bella, & corpo transparente,
 Que para contentar a todo o Ceo
 Deyxastes toda a terra descontente.
 Vòs em cujos extremos se venceo
 A arte, & o saber da natureza,
 Que com tantas invejas vos perdeo,
 Se là nesse alto cume de grandezza,
 Onde tudo são bens de huma alegria,
 Pòdem subir suspiros de tristezza.
 Ouvi a rouca voz desta Elegia,
 Messageyra fiel da saudade
 De vossa alegre, & doce companhia.
 Ah enganosos bens da leve idade
 Quam mal em vòs emprega a confiança
 Quem cuyda achar razão, tempo, verdade.
 Sò he larga na vida huma esperança,
 Sò a pena nos males he comprida,
 E o mal sempre he mayor quando mais cançoa.
 Sò encurtao os fados a huma vida
 Por quem mil de vontade se perderaõ
 Se esta puder a ser restituída.
 Mas naõ he ella, naõ, a que offenderaõ
 Pois de entre escuras trevas a tiraraõ,
 Entre claras estrellas a pozerãõ.
 O mundo escuro offendem, que deyxaraõ
 Sem a luz dos seus olhos taõ fermosos,
 Que a morte em vaõ cerrandose abrandaraõ.
 Offendem sò meus nys tristes queyxosos
 Conhecendo no mal a differença.

De Francisco Rodrigues Lobo.

313

Doutros dias que forão venturosos.

Em quanto a dor permite esta licença

Choray meus olhos sempre a triste magoa,

E sinta toda a terra a vossa offença,

Pois perdestes a luz encheyvos dagoa,

Que saya destilada deste peyto,

Que a dor tem convertido em viva fragoa.

Fazey agoas do Lis o vosso effeyto,

E com doce murmuro sospirando

Buscay ao mar, pagaylhe seu direyto.

E se tambem por sorte acompanhando

Vos forem minhas lagrimas cançadas,

Com que estou de memorias descancando.

Entre nuvens espessas encerradas

As fazey la sobir nesse Orizonte

Onde sejaõ da causa respeitadas.

Vos arvores sombrias, que defronte

Deste tumulto sacro estais movendo

Os altos ramos sobre o verde monte;

Com o nome de Amarili ide crescendo,

Para que do mais alto das estrellas

Ella o esteja em vossos ramos vendõ.

E vos lume do Sol, & inveja dellas

Voltay hum pouco o parecer divino

A quem se vos não vir pode offendellas

Logo fareis, que o Ceo claro, & benigno

Defenda este lugar sereno, & santo,

Que esconde o vosso corpo doutro dino.

Fareis sobir ao Ceo meu bayxo canto,

E as nuvens penetrar com voz interna,

Que com força da dor chegarà atanto.

Sobre essa Gerarchia alta, & superna

Levarà esta offerta, que offerece,

Que pode ser no mundo quasi eterna,

Por quanto dura a vida que uborrece.

A Cabado isto cobrio de repente huma escura nuvem todo o valle, & como se o Sol se eclipfara, faltou a Lerenno a vista por grande espaço, perdendo naquella confusão o sentido, até, que diante lhe appareceo a nova luz de seus olhos, & vio a sua pastora vestida em hum vaqueyro de monte encarnado guarnecido de frocos bancos, & verdes, os cabellos entrançados da mesma cor, feytos em huma serpe, a que ficavaõ por olhos dous contrafeytos bem me queres, & as alparcas cubertas delles, hum arco no braço, & huma aljava de setas, & tomando ao pastor pela mão lhe disse. Desperta Lerenno, que para cuydados tão altos, não convem animo enleado; & pois te trouxe aqui a ventura não a desconheças: ao que o pastor respondeo já menos turbado, pode desconhecer o bem, que em vossa vista se alcança, quem de todo perder o juizo, mas o que me deyxou amor para contemplarvos, nem o vencem receos, nem pode desejar outro mayor bem, que terves presente, & com este me ey pelo mais venturoso pastor que naceo nas montanhas, & prometo em gloria desta fazer lembrada no mundo vossa fermosura, & levantar nas azas da fama minha estrella com vosso nome; este vos peço que me digais para saber nomear o senhor de minha vida. O tempo to descubrirá (respondeo ella) & agora baste, que te sustentas no que ves: que nem eu faço confianças sem experiencia, nem quero que esta seja a primeyra; & quando sahires deste valle, & te vires nos da tua ribeyra, lembrate que segredo, fê, & conhecimento latistazem para com amor a falta de merecimentos humanos; não desconfies dos teus, & encomenda os pensamentos a ventura, que nunca nega favor aos mais ousados: & com estas esperanças te torna ao teu rebanho antes que neste lugar sejas sentido: & dizendo isto voltava o passo para o bosque, mas o pastor a prendeo do arco com estas palavras. Não atalheis senhora tão depressa a minha vida, se quereis, que me fique para esperar tantas venturas, que fora de vos ver, até os animaes desta montanha se levantaraõ contra mim, não me façaes decer de estado tão venturoso a outro tão desesperado; & dizendo isto, foraõ saltados pelo mato de duas pastoras de estranho parecer, vestidas

das com vaqueyros de apavonado, os arcos no braço, & as voltas dos vaqueyros cheas de fruytas do bosque; & porque com a sua chegada Lereno se escondeo de subito entre os ramos, disse huma dellas, não sey pastor, que te obrigou a fugir de nosla vista, que não he cada huma de nos taõ desconfiada do que parece, que faça espanto. Tanto pode caular (tornou elle) a estranheza das confas tobrenaturaes, como das muyto distormes, porèm o meu receo foy doutra causa, que eu temia ser visto, & não receava veyros; pois doutro modo quem fugiste de vossa fermosura, mostrava quaõ pouco era para a conhecer. Com essa desculpa (tornou ella) sofreremos melhor nosla desconfiança, & soltando as pontas dos vaqueyros, espalharaõ as saborosas fruytas, que traziaõ entre muytas flores sobre a relva, & sentadas comeraõ todos, porèm Lereno mais sofrego na vista de sua pastora, que na offerta das outras estava suspenso, & com mil galantarias a cada passo o despertavaõ, & acabando de comer tirando huma dellas huma dourada rabeca, & a outra pedindo a cytara a Lereno, cantaraõ o seguinte.

D Escobre novo mundo o pensamento,
 Estende as azas, não respeyta a vida,
 E em fantasticos bens sem fundamento
 Tras a leve esperanza repartida.
 O tempo he leve, & corre mais que o vento,
 A fortuna mudavel, fementida,
 O desejo ao mor risco se offerece,
 Amor com falsas mestras aparece.
 Hora huma cor, hora outra cor varia
 (Quem vio cego tambem julgar de cores?)
 E em cada huma enleva a fantasia
 Dos seus mais que elle cegos a madores.
 Mestra sempre por senbos a alegria
 Quando os olhos de si não são senhores:
 Naquella sombru vãa da noyte escura
 Tudo possivel faz, tudo assegura.
 Contra o fingido bem da gloria humana:

Tudo

Tudo se arma , se esforça , & se conjútra
 O tempo a esperança sempre engana.
 Poem o desejo a vida em aventura,
 Amor que a sua força fez tyranna
 N'uma imaginação , que se affigura
 Faz venturoso o mal que se padece,
 Mas logo no melhor desaparece.

EM quanto ellas cantavaõ com vozes soberanas , o pastor com os olhos nos de quem o senhoreava , imaginando em sua fermosura descuydado das palavras da cantiga , e crevco estas em o tronco de hum alamo , que junto a elle estava.

*Mudas plantas quem não cre , Fique em vossa fermosura
 Que estais vendo minha gloria , Este final não pequeno
 E eis de servir de memoria Lugar aonde vio Lereno
 Na lembrança desta fé ? Posta a seus pes a ventura.*

E Como os bens não podem durar tanto , despediraõse logo , & apastora , que nas lagrimas , que naciaõ nos olhos a Lereno conheceo a dor , com que se apartava , lhas enxugou com a mão , & tomandoo pela outra guiou para o valle aonde elle sahio tão triste , como se adevinhara o mal que sua ventura lhe ordenava , & foy que aquella pastora Lisea , que em favor de seus males lhe quiz tanto , & o ficou esperando junto ao rio Lis entre os penedos , vendo que passada grande parte do dia , o seu pastor não tornava , perdendo com amor o receo , entrou naquella cova , & sahindo ao valle pellas pizadas , que achava foy ter a fonte , & foy pelo caminho , que Lereno seguira até se emboscar no mato , & alli a aflombrou tão grande temor vendo hum cervo , que pelos sylvados vinha pulando para onde a vira , que gritando em alta voz , começou a bradar pelo seu Lereno , que lhe valesse imaginando , que não estaria muy desviado , & ouvindo este brado a pastora , que entaõ d'elle se apartara , cuydando , que algum grande mal lhe succedia , veyo correndo para aquella parte , & achando a Lisea naquelle sobrefalto , livre já do cervo

vervo, que atravessara o caminho. lhe perguntou como alli viera, & a razao, porque bradava, & por quem? ao que ella respondeo. Ainda, que o perigo em que me vi, & o delviado caminho em que me vejo me fizera perder a confiança, & a vida, bastava tervos por valedora para me aver por contentê de mayores males; quem me fez este, que já não tenho por tal, foy hum pastor a que chamao Lereno, nacido nesta mesma ribeyra, & bem conhecido entre os guardadores della, pelo qual bradava, que me socorresse, & a este premitio meu fado amasse tanto que de tudo o mais por seu respeyto vivesse esquecida; esta manhã vim com elle da sua cabana te as fraldas do rio, onde juntos passavamos outras vezes a festa, & deyxandome alli entrou por huns penedos a buscar huma ovelha que me tinha dito, que naquelle lugar desaparecera, & assi o fez elle te que eu desesperada tomando o mesmo caminho o vim a buscar neste lugar tao estranho, onde metendome entre os matos fora de tino vi hum furioso cervo, que paramim vinha correndo atravessando o caminho, & passou ao tempo, que acudistes para me valer. Mais estimo eu (respondeo a pastora) chegar a tempo, que o meu socorro não fazia falta, que liyrarvos de grande perigo, ainda, que isso fosse de mayor merecimento, & creio que muytos deve ter esse pastor a quem buscais, pois a tanto vos o briga; mas já ferà culpado no damno, que vos fez, dado, que não quizeste ser a causa delle: ao que Lisea lhe respondeo, quem sabe querer de verdade ainda que culpe a quem ama, em si executa a pena, & a que me sefa mayor he não achar o meu Lereno para me queyxa das horas em que me faltou, & não do risco em que poz a vida que era sua. Muyto amor vos deve (tornou ella) pois quando mais queyxoza, vos mostrais tao rendida, & já lhe quereria mal, ou de vos o estranharia, senão sabe merecer essa fe. Na sua confio eu tanto (replicou Lisea) que tudo o mais me esonecera se a falta de sua vista com outra cousa se pudera aliviar. Folgo estranhamente (disse a da montanha) de ver o bem de vosso estado, & hey compayxaõ de alguma pastora, que do vosso Lereno pretendera a mesma firmeza, como soe acontecer. Não falta (disse Lisea) quem com elle se en-

se enganè, que poucos dias ha, que huma do nõsso valle se achou com a mesma cõfiança, que eu agora tenho, & avendo sempre da vontade do meu pastor o defengano tinha a sua perfia por bem agardoada. Graciosa pastora (disse a outra) Deos vos de ventura em vossos amores, & gozeis o fruyto delles livre de receo, & mudanças; & pois o Sol a vay fazendo nestes montes, & me he forçado dar ainda huma volta ad fim da montanha, quero vos acompanhar te a sahida della, & fora achareis o vosso pastor, que por estranho caso aqui veyo perdido, a elle dizey como me vistes, & o que me contastes, que lhe encomendo muyto quanto vos deve, que se esqueça de tudo o que não for servirvos, & assi o faça do que em outra parte podia ter alcançado, que bem he para quem só com amor pretende merecimento ser seguro em a fè, que promete, por onde lhe convem ter todos os respeytos à vossa, que se guarde de entrar mais neste bosque, & assi o fazey vós, porque d'hoje em diante he este passo muyto perigoso, & poucos entraõ nelle que sayão com a vida. Já de agora (respondeo Lisea, que a seguia para o valle) vos deverey sempre a quodais, & pois me não fica esperança de poder vervos cedo, o tempo me dara alguma de servirvos, & agora no que me mandais o farey: chegando aos penedos, ambas com hum abraço se despediraõ, Lisea cuydando no seu perigo passado, alhea de outro que seguia, porque nunca vem sós para tomarem hum coração sem resistencia.

FLORESTA DUODECIMA:



A parte por onde vem decendo o rio Lis antes de chegar aos espaçosos valles, que com sua corrente vay regando, toma hum estreito caminho entre altos arvoredos, onde com profundo silencio se detem, até chegar a queda de huma alta penedia, & alli repartidas as agoas, medrosas vão fugindo por entre as raizes de amargosas novigeyras, outras offerecendose aos penedos com sandoso som estaõ nelles quebrando, & depois ficaõ derramadas em dous ribeyros, o mayor depois de muytas

tas voltas se vay a encontrar primeyro com as agoas de que se apartou entre altos ciprestes, & loureyros. O outro ao voltar de hum valle se vay encostando a huma alta rocha por bayxo de espessas aveleyras, & esperando as agoas humas pelas outras descobre a boca de huma lapa encuberta entre huns ramos, que vay por bayxo do chaõ huma legoa, & nesta avia fama, que vivia hum sabio de muyta idade, que por encatamento a fabricara, o qual naquelle lugar era bulcado de muytos pastores naturaes, & estrangeyros, a que dava remedio em muytos males, particularmente nos de amor, de quem elle já fora na mocidade atormentado, & neste tempo corria mais a fama das maravilhas, que obrava, quando Lereno sahio do valle desconhecido, triste pela ausencia de sua pastora, que a taõ ditosa esperanza o levantara, & antes de recolher o gado encontrou a Lisea, a qual incerta de seu damno, não imaginando o que contra si fazia, lhe disse o que passara indo tras elle, & o mais que lhe acontecera com a pastora da montanha, cujo recado lhe deu. O pastor quando isto ouvio, como se aquella hora lhe arrancaraõ a alma, ficou sem cor, & sem falla, & virando as costas à pastora foy solpirando pelo valle acima, & ella ficou taõ desesperada cahindo no que fizera, que depois de muytas, & lastimotas palavras, que disse, se quizera deytar no alto do rio, & pagar com a vida seu descuydo; mas a isto atalhou Nise, que perto andava com o seu gado, & todo aquelle dia com amorosas razoens a aliviou em o mal, cuja causa lhe encobria, & depois de muytos em que o pastor andou entre os matos emboscado comendo o fruto das arvores sem dono, aborrecendo a conversação dos naturaes pastores, dizendo as feras, as arvores, & penedos seus queyxumes, foy por aquelle caminho a buscar o valle, por ver ao menos as reliquias de sua passada gloria, representada no lugar aonde a gozara, mas achou cerrados os penedos da cova, como se nunca alli ouvera tal caminho, & tendo entaõ por impossivel o remedio de seu mal, fazendo mil discursos, que na imaginação viaõ a parar em desatinos, se foy huma manhã buscar ao sabio Menalcas, que habitava naquella estranha morada que

differmos

dissemos junto do rio, & entrando pela covã aonde com a
 escuridão não atinava, foy ter aonde corria hum ribeyro,
 cujas agoas vinhaõ taõ frias, que tocando a maõ nellas, per-
 dia de improvizo o sentimento, & chegando alli ouvia dentro
 grande armonia de musica de aves, & entre vozes humanas,
 mover de arvoredos, & murmurar de fontes, & dahi a pouco
 elpaço se veyo para elle o sabio velho, & lhe perguntou o
 que buscava. A ty (respondeo elle) para remedio de meu
 cuydado, ou delengano delle, que posto, que conheça não
 ter cura minha desgraça, o desejo de me ver livre, faz que
 procure couza taõ duvidosa, ou para melhor dizer impossivel.
 O velho o tomou pela maõ, & levando-o a huma quadra,
 que com artificiosa luz se alumiaava, & sentando-o perto de
 si, lhe mandou com mostras de brandura, que contasse a sua
 historia, & Lereno, que com a lembrança renovava a dor
 della, com lagrimas; que nos olhos lhe naciaõ contou do
 principio de sua vida, te o estado em que estava, que ti-
 nha pelo fim della: ao que o sabio com hum maduro sossego
 respondeo. Posto que os males canção ao sofrimento, & os teus
 sejaõ de calidade, que te ponhaõ a risco de o perder vendo-
 te sem culpa, não desesperes de ser curado, que tudo ha no
 tempo, que em casos semelhantes com a longa experiencia
 me ensinou, & para que de mim nas obras conheças a vontade
 de com procurar teu remedio, esperame neste lugar, que lo-
 go nelle saberas a causa de teu damno, & em tanto (para
 que não fiques sem companhia) te mandarey quem te entre-
 tenha. Dito isto foy por meyo de seus encantos a saber o su-
 cesso dos amores de Lereno, & elle ficou na quadra, onde
 não tardou muyto, que vieraõ duas pastoras por extremo fer-
 mosas, vestidas de verde claro com samarras de pellica man-
 chada, & violas de arco nas mãos, & chegando a Lereno, o
 saudaraõ, & elle muyto contente de sua vista, as recebeo, &
 depois de passadas algumas taborosas praticas, lhe pedirão,
 que quizesse cantar com ellas pelo modo, que costumava fazer
 na sua sua Aldeã; elle que não sabia negar boa vontade a
 quem merecia o preço della, acceytou o cargo, & tocando as
 violas cantava o Pastor, & ellas respondiã na maneyra seguinte.

Quem

Quem novas me quizer dar
De huma esperança perdida
Darlhehey por ellas a vida.

He paga muy desigual Se a vida te imperta tella,
A que offereces a quem Porque das por ella a vida?
Te der a sombra de hum bem, Porque hũa, & outra he perdida;
Que he fogeyto a tanto mal; Onde achaste em casos tais
E se a vida menos val, Menos a tua esperança?
Que huma esperança perdida, Perdeose em huma mudança,
Nãõ he menos darlhe a vida Nunca della soube mais.
Com os desejos de avella; Se deres della o finais
Prometês muyto em teu damno, Te sera restituída.
Mas cuydo que faço engano Vay cerrada, & vay fugida,
Em dar taõ pouco por ella.

D Espedirão-se as Pastoras acabando a musica, porque sentirão, que vinha o velho Menalca, & elle com ledo rosto assim fallou para o Pastor, que entre temor, & desejo o esperava. Posto que o estado de teus cuydados seja perigoso, & te pareça, que tens nelle a vida aventurada, não desesperes de grandes bens, que os tados te promettem, por elles estava ordenado, que o primeyro, que descobrisse a historia de Syleno, que em hum penedo foy encantado pelos Faunos desta montanha, padecesse em castigo de tal ousadia, que todos seus segredos fossem manifestos, & por esta razão, se discorreres pelos luccellos de tua vida, depois que aos Pastores do Lis, & Lena a descobriste, acharàs, que por estranha maneyra, sem culpa tua forão descubertos os amores de Lisea, a carta de Enalia, & o que te aconteeo no valle desconhecido. O remedio que tens para melhorar tua sorte, & vencer a força desta desgraça, he hum desterro, que logo faràs desta montanha, em castigo da culpa que tiveste, & depois de larga ausencia, que será atalhada por permissão de tua Estrella, te poderàs chamar neste valle venturoso Pastor. Espantado ficou Lereno de ouvir o que o sabio lhe dizia, & a razão de seus males tão encuberta, vendo, que nesta verdade não podia haver engano, pelo

X

que

que já lhe acontecera, & em recompensa do trabalho, se lançou aos pés do Pastor, que com hum estreyto abraço o levantou, & veyo com elle até à lahida da cova, representandolhe sempre o que convinha para sahir dos ameaços de sua ventura, & elle a quem tudo o mais aborrecia, faltandolhe o bem que ella lhe negava, determinou partirse ao outro dia sem a ninguem dar conta de seu apartamento, & deyxando cabana, & rebanho, levando só consigo rabil, çurrão, & cajado, tomou o caminho dos campos de Mondego, porèm antes de se apartar do Lis, & Lena, sobido de hum alto penedo, que descobria aquelles saudosos valles, & montes, os espessos, & sombrios arvoredos, as crystalinas correntes, que hião com ordenados rodeos cortando a verdura, tirando o pastoril instrumento com rouca vóz começou a celebrar desta maneyra a triste despedida.

F Ermoso rio Lis, que de contente
 Estais detendo as agoas vagarosas
 Por não passar daqui vossa corrente,
 Entre essas ondas claras duvidosas
 Le day ao largo mar com turva vea
 Tristes queyxumes, lagrimas queyxosas.
 Em quanto descançais na branca areia,
 Ouvi hum pastor triste, & magoado,
 Que vay perder a vida em terra alhea,
 Sua ventura o manda desterrado,
 Não se pode saber que culpas teve,
 Que amor que foy juiz era o culpado.
 Se a tanta sem razão magca se deve,
 Ouvi a voz de Cisne derradeyra
 Que ainda que he grande a dor ha de ser breve.
 Vcs Nymphas, que morais nesta ribeyra,
 Nessas lapas cubertas, & escondidas
 Do mirtho, fayas, freyxos, & aveleyra.
 Se já de amor sentistes as feridas,
 E quanto custa hum triste apartamento,
 Que para dar mil mortes dà mil vidas.
 Agora que se calla o surdo vento,

de Francisco Rodrigues Lobo.

323

E o rio enternecido com meu pranto
Detem seu vagaroso movimento.
Vinde a gozar da terra o verde manto
Vereis da natureza o mor thesouro,
E ouvireis as tristezas de meu canto.
Em tanto Apolo com seus rayos douro
Enxugando estará com nova inveja
Vosso brando cabello, crespo, & lour o.
Antes que o descontente espirito seja
Apartado da doce companhia
Consenti Ninfas bellas, que vos veja,
Naõ vos verey porẽm como vos via
Hora segziundo as feras na montanha,
Hora prendendo os peyxes na agoa fria.
Chorando vos verey, pois dor tamanha
Naõ ha, como deyxar a propria terra,
Por ir buscar a morte em terra estranha.
Penedos, que pendeis desta alta Serra
De verde erva, & de musgo revestidos,
A que os ventos em vaõ moveraõ guerra.
Vos declrões outeyros repartidos
Com longes amoxos, ledos pertos
Sõ pela saudade conhecidos.
Valles, que de mil arvores cubertos
Abris caminho as cristalinas fontes,
Que os alvos seyxos deyxãõ descubertos.
Vos ladeyras incultas, & altos montes,
Que coroados sois de altos pinheyros,
E acor tomando estais aos Orizontes.
Pastos, cabanas, gados, pegureyros,
Pastores deste valle, verde, ameno,
Doces amigos, doces companheyros,
Apartase de vos triste Lerenõ,
Forçado dos poderes da ventura,
Contra quem seu poder foy taõ pequeno.
A Deos õ m nte, õ prado, õ espessura,
A Deos õ rio, & fonte cristalina,

Primavera.

A Deos às plantas, fl res, & à verdura.
 Já no valle, no monte, & na campina
 Os pastores tanger não me ouvirão
 A minha desejado sanfonina.
 Já nas ardentes festas do verao
 As ovelhas à sombra do arvoredo
 O pasto por me ouvir não deyxarao.
 Já debayxo do vaõ deste penedo
 Olhando os cordeyrinhos, que pastavao
 Não cantarey de amor contente, & ledo.
 E as pasteras, que a ouvirme se ajuntavao
 Já me não tecerao verdes capellas
 Com que per vencedor me coroaõ.
 Já nem na noyte à vista das estrellas,
 Nem quando o bello Sol claro aparece
 Louvores me ouvirão das Ninfas bellas.
 Já o vento, que ouvindome emmudece
 Entre os Eccos da doce Filomena
 Não levará meus ays onde os offreço!
 Tornay o curso atràs agoas do Lena,
 A pesar dessa rocha, que ameaça
 Vossa clara corrente tão serena.
 Que não vos tirará da vossa graça
 A sombra desse outeyro tão temido,
 Como me tira a vida a sorte escaça.
 De vós screnas agoas me despido,
 De vós não perderey nunca a lembrança,
 Fazendo desmentir nesta mudança
 Quien dixu, que la ausencia causa olvido.



A PRIMAVERA

DE
FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

Campos de Mondego.

FLORESTA PRIMEYRA:

AINDA a rosada Aurora não defenganara de todas as estrellas, que com alhea luz se queriaõ meter em posse do dia, quando Lereno com os olhos em sua desejada patria, que deyxava, tomou o caminho para os campos do Mondego, para onde o hia guiando o seu destino por entre incultas charnecas, que já lhe mostravaõ em sua aspereza a differença dos valles, & montes, em que se criara; & com a saudade, que aquelles outeyros lhe representavaõ ao longe, lospirando a cada passo voltava os olhos atras, como que o chamava seu cuydado, até que perdeu de vista os altos edificios, que estaõ situados em soberba penha, que os rios vão cercando, & fazendo dalli com os olhos de novo despedida, foy caminhando, & chegou a ribeyra do Arunca, pequeno rio (que em graciosas voltas rodea huma comprida varsea, & depois se mistura nas agoas do Mondego) digo de eterna memoria pelos pastores, & pastoras, que naquelle tempo o habitavaõ; aqui chegou o pastor assaz cansado mais de suas lembranças, que do caminho, & em huma enseada, que o rio faz, debayxo de hums

verdes salgueyros, que o assombrao, se assentou, & depois de descansar, imaginando a causa de seu desterro (que este he o alivio, que os males contentem) tomando a sanfonha cantou o seguinte.

Relva vestida de flores,
Salgueyros verdes copados,
Que seis pastura dos gados,
E dos cansados pastores:
Agoas que tomais as cores
Da sombra desta verdura,
Se essa vossa fermosura
De contino ver quizerdes
Sustentay seus ramos verdes
Sem olhar minha figura.

Doces pass.inhos ledos,
Que fazeis vossos recremos
Saltando dos verdes ramos
Por cima destes penedos,
Se de amor tratais segredos
De mim naõ nos confieis,
Que he certo no que canteis
[Porque em tudo amor offenda)
Ainda que naõ vos entenda
Que publique o que diz eis.

Gados, que assi livremente
Sem inveja, ou differença
Gozais com tanta licença
O prado verde, & contente
Por naõ verdes diferente.
O gosto com que comeis,
Nestas flores que colheis,
Se a vida quereis achar
Guardai vos da que eu sicarrei,
Porque logo morrereis.

Livres peyxes, que na vea
Os rayos do Sol tomais,

E nestes puros cristais
Estais vendo a luz alhea,
Quando sobre a loura area
Buscáis doce mantimento
Olhay naõ bebais sem tento
Esta agoa, que me consume,
Que vós farà por costume
Perder o contentamento.

E vos Nymphas, que pizais
Estas ervas, & estas flores
Se sabeis sentir de amores
Como naõ me acompanhais?
Porque hum alivio negais,
Que em vós naõ pode ser erro
A quem mata a fogo, & ferro
A força da mesma dor?
Mas ah sentistes amor,
E naõ sentistes desterro!

Qualquer amante agravado
Por engano, ou por mudança
Inda lhe fica esperança
Daquelle primeyro estado;
Ay de hum triste desterrado
A quem mais naõ se consente;
Que conhecer claramente
Pelo que em seu mal consiste
Que ha de viver para triste
Para naõ morrer contente.

Perdi a gloria que tinha
Bem guardada, & mal segura,
Perdi por minha ventura,
Que naõ foy por culpa minha;

*Era força que corvinha
Para seu fatal intento,
Que eu padeça meu tormento,
Adorando a sem razão,
Dando hum falso pregação
Verdadeyro sofrimento.*

*Voume do meu natural
Por mal estranho a que vim,*

*Bem descontente de mim,
Naõ da causa de meu mal;
E se ante amor tambem val
O padecer por vontade,
Agoas que com liberdade
Buscais o fim desejado
Testimunhay meu cuydado
Sois claras, falay verdade.*

NO fim destes versos, que Lereno dizia com a lembrança em outras horas, que naquella ribeyra gastara com mais contentamento, tomava o çurraõ para seguir seu caminho, quando o atalhou Pireo, hum nobre guardador, que naquellas partes apascentava, & depois de lhe offerecer repouso, & gahado em sua cabana, lhe perguntou a causa de seu apartamento; mas elle, que com tanto cuydado a encobria, & não pode dissimular queyxumes, os lançava todos à ventura, que o perseguia, & a quam mal lhe respondia o fruto do seu rebanho nas ribeyras do Lis, havendo por desgraçada sorte a de quem tinha por madrastra a natureza. Pireo o consolava, pondo em o tempo a esperança, & remedio de sua vida, facilitandolhe a mudança de todas as cousas della; a estas razoens dava Lereno outras de magoado, & com ellas se despedio do Pastor, que contra sua vontade lhe deu licença; elle se recolhio ao lugar, & Lereno tomou o caminho por fóra delle, & naõ tinha andado muyto, quando viu, que diante hia cantando hum estrangeyro com o cajado ao hombro, & parecia tambem a sua voz, que Lereno apressou o passo para ouvir de mais perto a cantiga, que era esta.

*Trabalho por esquecer
Hum cuydado, que me mata:
E quando pior me trata
Entaõ menos pode ser.*

*Este mal, que assi me cança,
Porquem tanto me desvello,
Sem nuuca lbe achar mudança*

*Como vive da lembrança
He o remedio esquecello;
Porque he parte da saude
O trabalhar pela ter,
Inda que ninguem me ajude,
Por ver se isto tem virtude
Trabalho por esquecer.*

Não me ajudo da razão
 Porque vejo que não val,
 Que amor tem de condição
 Para males de afeição
 Não dar razão para o mal:
 Depois que me fez cativo
 Nenhum respeyto me cata,
 Só quer que em tormento esquivo,
 Morra sustentando vivo
 Hum cuydado, que me mata.
 Este mesmo se defende
 Do remedio que lhe da
 O desejo que o pretende,
 Porque mal se esquecerá
 O que de continuo offende;

Effeytos taõ desiguais
 Não nos sofre a dor, que mata,
 Que entaõ m'atormenta mais
 Quando dà mores finais,
 E quando pior me trata.
 Fiz-me já taõ differente,
 Que nem de mim sou lembrado,
 Quando me tenho presente,
 Tudo a sorte em mi consente.
 Nada contra meu cuydado;
 O tempo nem a ventura
 Contra amor não tem poder,
 Cuydado que elle assegura,
 Quando esquecer se procura.
 Entaõ menos pode ser.

A Cabando de cantar o que caminhava voltou os olhos para traz ao pizar dos passos vagarosos que soavão, & vio o Pastor, que para o ouvir se hia detendo, esperou-o, & depois que se faudarão, lhe disse Lereno. Com o gosto da tua cantiga me esqueci do trabalho do caminho, & com a lembrança, que me fazia na alma me dobrou a dor de huma saudade, com que parti esta madrugada; por tua vida, q̄ vãs por diante, se não he differente teu caminho, que não sey eu quem não rodee muytos por te ouvir. Certo (respondeo elle,) que tu debes trazer o juizo affeyçoado a tristezas, ou me queres persuadir algum engano. Saberás, que eu canto, (& para melhor dizer choro) por costume, & não faço das palavras mais acento, que como os suspiros as levão por esse ar desordenadas, o meu caminho he para o Mondego, se para lá he o teu poderey seguirte, que grande alivio he para os trabalhos a companhia, quando elles não são taes, que chegão a fazer aborreçella, & a propria vida; & posto que eu da minha sou pouco contente, terey por grande interesse ser teu companheyro. Por certo (respondeo Lereno,) que mopareces no cuydado mais, que na jornada, & se tal he, devo à ventura achar o que buscava, não lhe sendo nunca outra igual obrigação, & para a verdade do que

suspeyto,

suspeyto, dizeme quem es, & para onde, ou porque caminhas. Já não posso [tornou elle) negar o que me pedes, a mim me chamaõ Menandro, & naci na ribeyra do Tejo, donde me apartey ha poucos dias, (por fugir a huma razaõ que tinha para viver desesperado, vou ao Mondego, & dahi determino passar adiante a buscar hum pastor meu conhecido, que por hum caso estranho se apartou da nossa ribeyra; & pois o tempo, & o caminho da licença para tudo, & a tua inclinaçãõ não parece desafeyçoada, contartehey huma historia digna de eterna lembrança.

Nas ribeyras aonde nasci, que a nenhuma das do mundo daõ ventagem nas graças com que as outras se engrandecem, havia duas Irmãs, & bem nascidas pastoras, que tanto no grão da fermosura eraõ iguaes, como no do parentesco, & entre ellas fazia mayor amizade além da obrigação do sangue, a semelhança do parecer, & partes sobrenaturaes, que cada huma tinha; & porque era esta afeyçãõ justa, & verdadeyra colhiaõ igualmente o fruyto della, mas amor, que a ninguem consente segura liberdade, fez que a menor dellas, que Dorisa se chamava, com taõ fobeja affeyçãõ amasse a Linceo, que em seus olhos perdesse a lembrança de tudo o mais que não era gozallos, & porque o pastor não tinha nella os seus por mal empregados pagavalhe igualmente o seu desejo, & tratava os seus amores com Montea, que era outra Irmã de mais idade, & comigo que entãõ a servia, & não mal galardoado de sua vontade. Foy o tempo apurando estas afeyçoens, & era amor entre todos perigoso, & o meu, & de Montea muy favorecido, porque com este alento toma elle ousadias, entrellas, & a esperança de alcançar fim ao que desejava, me foy forçado apartarme daquelle lugar por algum tempo, & parte do que durou o meu desterro (que eu tinha por tal em ausencia de quem senhoreava meu cuydado) tratava Linceo de meus amores dava as minhas cartas a Montea, & a mim mandava as suas, com a fê, que em taõ igual amor era devida; porèm como elle he hum enteo, & só delles se satisfaz, mostrando em sem razoens seu poder, & tirania, ordenou que este Linceo se afeyçoasse à minha pastora, & quecendo o muy-

to, que a Dorisa queria, & procurando meyo com que se lhe descubrisse, achou nella muy pouca resistencia, que alem de ser natural em molheres folgarem de ser queridas, parece, que he entre Irmãs mais natural huma cobiça de se melhorarem cada huma de outra; fora de tudo eu estava ausente, & montavao pouco minhas lembranças, seguiuão seus amores, & não foy com tanto segredo, que logo Dorisa os não entendesse, buscou o remedio em suas lagrimas, representou a Linceo o que lhe devia, & à Irmãa a traiçãõ, que contra mim, & contra ella ordenava; valeolhe este pouco, & avendose nelle por desesperada, tratou de buscar nas ervas o que em suas lagrimas lhe faltara, aconselhouse com Alcina, que era a que mais dellas entendia nas montanhas daem do Tejo, buscou algumas para o fazer esquecer de Montea, & deytou o çumo dellas em huma fonte aonde costumava beber levando o gado, & o damno, que lhe haviaõ de fazer na memoria foy no juizo, endoudeceo Linceo, andava pelos montes fazendo delatinos, suspirava pela morte, despenhava-se dos outeyros, veyo em pouco tempo a mudar a figura de forte, que pelo que fora o não conheciaõ. Dorisa vendo o que fizera com o mesmo amor com que o possuio, ou mayor, porque com os ciumes da Irmãa se acrecentara, veyo tambem de payxaõ a endoudecer. Montea que já sabia a causa deste estranho successo, & vio a paga, que ambos tinhaõ de sua cobiça, vestida em habito de pastor desapareceo, huns dizem, que com temor de que minha presença acusasse ante todos sua maldade, outros, que para buscar remedio ao perfido Linceo. Eu triste, que de tudo vivia ausente, & descuydado, vinha para lograr o fruyto de minhas esperanças assas contente, achei estas novas, voume atras meu destino, ou a buscar Montea, ou a viver desesperado mais perto da morte, engeytando a vida sem gosto, & com tantos defenganos.

E Sta historia acabou Menandro com muytos suspiros, & algumas lagrimas, que descuydadas lhe cahiaõ pelo rosto, & o companheyro ficou mudo vendo a differença dos males, que a sorte ordena, & não lhe parecendo já os seus taõ rigorosos começou a consolar com algumas razoens o pastor estrangeyro.

geyro , & porque nisto se gastou a mayor parte do dia , & se lhe cerrou a noyte entre huns casaes , a passaraõ nelles , & em amanhecendo , vieraõ alcançar o Sol a hum fermoso lugar , o mais celebrado em frelcura , & graças da natureza , que todos os que estaõ ao longo do Mondego , & sentandose entre muy espessas roleyras , que estavaõ tecidas ao pè de altissimas fayas , & alamos brancos , defronte donde hum copioso ribeyro , cahindo de huma rocha abayxo , com hum saudoso estrondõ vem encrespando em escumas as cristalinas agoas , de que o ar esta espalhando perpetuamente hum miudo borrifo , que como nuvem , na mayor força do Sol esta orvalhando as flores de todo o valle , alli depois de descancarem tirou Menandro huma temperada lyra , a cujo som cantou Lereno o seguinte.

A Goas, que penduradas desta altura
Cabis sobre os penedos descuydadas,
Aonde em branca escuma levantadas
Offendidas mostrais mais fermosura.
Se achais essa dureza taõ segura
Para que porfiais agoas cansadas ?
Ha tantos annos ja desenganadas ,
E esta rocha mais aspera , & mais dura.
Voltay atras por entre os arvoredos
Aonde os caminhareis com liberdade
Atè chegar ao fim taõ desejado ,
Mas ay que saõ de amor estes segredos,
Que vos naõ valera propria vontade
Como a mim naõ valeo no meu cuydado.

Muyto bem pareceo a Menandro o soneto, eujos acen-
tos com o som das agoas , que alli quebravaõ , fazia
huma saudade cobiçosa a animos affeyçoados , & querendolhe
dar as graças de quaõ bem o cantara, elle as naõ consentio ,
antes se alevantou para seguirem seu caminho , o qual fize-
raõ por entre graciosos pumares , & verdes lorangeyras, aon-
de entre as novas folhas alevantava seus tentos fruytos a na-
tureza, semeando o chaõ das varias flores , que dos mais altos
ramos

ramos se despediao, fazendo com isto mais fermoso o deleytofo tempo da primavera, & porque a verdura daquellas arvores, o cheyro das flores, o murmuro das fontes de crystal, que em cada riba brotavao d'entre aservas, & alvas pedras, a harmonia dos passarinhos, que dos ramos se penduravao, hiaõ detendo os olhos a cada passo, foraõ perto dalli passar a força da calma ao pè de huma pequena ermida, levantada sobre dous penedos, em cuja roda para a parte do campo nace tres fontes de agoa fermosissima, & ajuntandose em hum gracioso ribeyro, vaõ pelo pè de muytos freyxos, & salgueyros em companhia ate entrar no rio em hum quieto remanso, aonde parece, que as espera. Assentaraõse os dous pastores a vista da primeyra fonte, que dece da rayz de huma figueyra brava, que faz cahir as agoas em espelho, cobrindo no alto por onde passa huma concavidade do penedo, chea de verde avenca, & douradinha, que com aquellas vidraças do liquido crystal fazem sua verdura tao fermosa, que nunca ricas esmeraldas, & preciosos diamantes tiveraõ para os olhos tanto preço, acrescentando a este lugar a graça com que as agoas cahindo do alto, se esprayavaõ em hum largo seyo de branca area, aonde as aldeas dos montes vezinhos costumaõ lavar as talhas, & enrespar os toucados, & naõ passou muyto, que viraõ quatro ferranas, que vinhaõ para a fonte com as beatilhas dobradas sobre os cabellos, como naquelles montes he costume, & nellas os cantarinhos pedrados, & cantavaõ ao seu modo estas cantigas.

*Mancebo do prado
Naõ tragais espada,
Porque onde ha tais olhos
Para que saõ armas?
Mancehinho louro
Anday descuberto,
Tomareis mil almas
No vosso cabelo.
Tornayme os meus olhos
Mancebo do verde,*

*Que andaõ tras de vos
E naõ sabeis delles.
Tornayme os meus olhos
Mancebo do roxo,
Que vaõ da minha alma
Para o vosso rosto.
Naõ quero ser dama
Do dos olhos brancos,
Que tem mil amores,
E nenhum cuydado.*

Não quero ser dama
 Do dos olhos negros,
 Que tem mil amores,
 E nenhum segredo.
 Vinde vos meus olhos,
 Vinde vos da serra,
 Não vos queyme o Sol,
 Que nós tem inveja.
 Pois fiquey na serra
 Vinde vos do campo,
 Que quem ama muyto
 Não esperà tanto.
 Forase o meu damo
 A lavrar no monte,

Querome ir com elle
 Não venha de noyte.
 Forase o meu damo
 Agradar no valle,
 Quero me ir tras elle,
 Que outrem não lhe agrade.
 Lume dos meus olhos
 Se fordes à villa
 Levayme nos vossos
 Vireis mais asinha.
 Pois ides à villa
 Ningum vos contente,
 Que os rostos toucados
 Muyas vezes mentem.

E Ra tão alegre o cantar das ferranas, & parecião tam-
 bem com aquelle rustico traje afrontadas do Sol, & des-
 calças pela agua do ribeyro, que posto que os dous caminhan-
 tes gastavão os sentidos em outra lembrança, não puderão ne-
 gar naquella vista contentamento; & huma dellas na cor pre-
 ta, nos olhos engraçada, & nas palavras mais livre, disse para
 elles quando os vio defronte. Por amor de mim Pastores, que
 deyxéis o lugar, porque he de quem nelle me parece melhor
 que vós; ao que Lereno respondeo. Não podeis vós logo dar
 esse a outra, que melhor pareça, & se eu deyxer este por vosso
 gosto, serà por outro, donde mais ao meu vos veja, que sem
 isto obedecervos fora agravarvos. Bofé Pastor, que errastes na
 escolha (disse huma das outras,) que em qualquer de nós a
 tinheis melhor, porque esta ferrana fez já a sua, aonde está
 bem empregada; vejovos para os amores boas palavras, &
 ruim partido. Por esta razão o temho eu melhor (disse Me-
 nandro,) que ainda não escolhi, & porque não aconteça o que
 a elle, defenganayme qual de vós está sem affeyção. Eu, que
 nunca a tive a quem me quiz bem (respondeo a primeyra)
 tallay comigo, que sou para tudo, & vós pelos sinaes meu na-
 moradó. Não sejais tão sofrega (disse elle,) que roubeis o
 alheyo, contentayvos com meu companheyro, que o não po-
 demos

demos ser nós amores, mas se a Pastora do branco vive lem elles, & quizer os meus, ficarey nesta terra por soldada à sua conta; aindaque vejo, que faz pouca desta vontade. Nenhuma tenho (respondeo ella) de aceytar amores tão apressados, porque nunca pago serviços dantemão; & pois esta Pastora me ganhou por ella, & vos quer por servidor, não sejais ingrato. Bem podereis (disse elle) engeytarme sem me aconselhar, que vos não queria para terceyra; porém o pouco espaço, que aqui me detenho, fará, que aceyte o conselho. O meu he (disse outra) que em quanto lavamos as talhas canteis alguma cantiga, pois ao parecer sois do Tejo, aonde são as melhores. Eu, (disse Lereno) nada farey sem interesse, & posto que não sey cantar, me offereço, se me ajudar meu companheyro, & porque elle se não negou cantarão ambos.

Mal pelos meus olhos

No que amor ordena,

Que elles tem a pena.

Meu desejo vão

Tenha toda a culpa,

E quem nelle culpa

A meu coração,

Que só pagará

Meus olhos a pena

Do que amor ordena.

Deste meu querer

Amor foy seu fim,

Que sem verme a mim

Vos quizerão ver;

Se he contra o poder

Do que amor ordena

Elles tem a pena.

JA' me arrependo (disse a ferrana do branco) de me mostrar esquiva a tua boa vontade, quicã se ma offereceras cantando, q' obrigàras a minha cõ mayor força, pois a teve agora a tua cantiga para te olhar com mais brandura, que he cousa affás alhea de minha condição; não o parece ella logo do teu rosto (tornou Menandro;) porém já que te soube contentar, ainda estàs em tempo de me restituir: o pouco que te has de gozar deste engano (disse ella) me fará mais liberal. Não consinto (atalhou a primeyra) que entreis tanto pela terra dentro nos favores, & obrigaçoens. Pastores desenganayvos, que nenhuma de nós sabe querer bem senão a si: vivemos

vivemos de dar em que entender a todos, & de não entender a nenhum. Levamos boa vida de a dar má a quem nos serve, nada nos contenta senão o que nos não custa; ha mais enganados nesta terra com nossas palavras, do que ha galardoados de nossa affeyção; eu sou hum pouco de melhor natureza, que minhas companheyras, não quero que desta graça se vos pegue alguma imaginação com que a deyxéis do ciso; que conheço muytos, que com menos causa o perderão: ajudainos a levantar os cantaros, já que aqui vos achastes, que sempre a conta deste favor direis hum par de torcidos. Hora (disse Lereno) nunca encontrey com gente que tanta pudesse levar apos si, digovos, que fallais tambem como pareceis, & que o que sobre defenganado vos não servir defacerta em tudo; não nos deyxéis tão depressa por vossa vida; & vós (responde ella) não vos affeyçoeis tão devagar, que desacreditais o nosso costume, que no primeyro encontro ferimos, mata-mos, & roubamos como salteadores, & não ha liberdade, que pare ante nossos olhos, que com elles temos feyto a Amor hum esfolataras, & vós a cabo de tempo, & com muyta freima caistes na ração por vos não esperar outras, ficay embora, & tomando o cantaro, fizerao as outras o mesmo, & com grande rizada foraõ pelo valle acima deyxando-os na borda da fonte; dalli foraõ continuando seu caminho, pela subida de hum valle aflaz pedregoso te chegarem ao cume de hum monte, donde começaraõ com os olhos a descobrir a vagarosa corrente do Mondego, que em curiosas voltas se detinha por não chegar ao mar aonde perde o nome, & o sabor de suas doces agoas; & porque se detiveraõ em contemplar os sumptuosos edificios, & altos templos da famosa Cidade de Coimbra, honra, & gloria da Lusitania, & os apraziveis lugares, & quintas de que está rodeada, & era já tarde disse Menandro para o companheyro, com muyto sentimento: Nem o bem de tua conversação me consente a ventura, porque aqui se aparta o nosso caminho, que o meu he por fora do lugar, & ey de passar hoje da outra parte do rio. Vay embora pastor tua viagem, guiete boa estrella, que aminha he tal, que até esse bem me tira; & se alguma hora tiver des-

canço,

canço, que já não espero, & te vir com elle, faremos lembrança destas horas magoadas. Dete o Ceo (disse Lereno) o que desejas, & nos torne a encontrar menos queyxosos, se alguma hora ouvires nomear a Lereno natural do Lis, sabe, que tens nelle esta vontade, & nisto com hum abraço se despedirão cada hum para sua via, & seu cuydado, iguaes na pena, & desigual a causa della.

FLORESTA SEGUNDA.



OR entre hums altos amieyros, que então com mais escura sombra se retratavão no Mondego, caminhava Lereno ao longo delle pouco espaço de hũa Aldea, aonde o dia d'antes se lhe acabara, & porque era tão sugeyto às lembranças, & tristeza de seus cuydados, que não perdia tempo, & lugar, que lhe renovasse nellas o sentimento, assentou-se ao pé de hum antigo tronco, junto da riba, aonde os passaros, que madrugarão mais, por esperar o Sol com sua melodia acordavão pensamentos de saudade, & aonde à vista das agoas, que passavão, a fermolura do Ceo, que a manhã variava de mil cores, & o movimento dos ramos, que o cobrião, estavão representando ao sentido hum saudoso queyxume, tomou elle para os seus instrumentos, & em quanto os passaros para ouvilho se callarão assim dizia.

Sae o Sol de sejado

Dà aos campos a cor, o ser ao dia,

O pasto ao manso gado,

Correndo vem tras elle a noyte fria,

Onde já sua luz não resplandece,

E alli quando amanhece

Nos deyxá conhecer

Que para aparecer desaparece.

Hum dia vai fugindo,

E o que corre tras elle nos alcança;

Estados se vão rindo

de Francisco Rodrigues Lobo.

337

De meu engano vaõ, minha esperança,
Que por mais que a ventura ma desvia
Vivo nesta porfia
Seguindo meus enganos,
Esperando em mil annos hum so dia.
Com taõ cego desejo,
Que melhor lhe chamava desatino,
No Lis, Mondego, & Tejo,
Hora vaqueyro, & hora peregrino
Espero huma mudança da ventura,
Mas està taõ segura
No mal em que a busquey,
Que já por meu mal sey que este só dura.
Por fugir o perigo
Busco, deyxando a minha, a terra estranha,
Mas como vou contigo,
E ainda este perigo me acompanha
Tanto mais crece o mal, que me desterra;
Nãõ val mudar a terra,
Que a tal estado vim,
Que eu a mim aonde vou me faço aguerra.
Firmeza minha imiga
Em cujas mãos ventura tantos pos,
Bem he que eu me persiga,
E seja contra mim por ser por vos
Mas nãõ tenhais taõ dura opiniam;
Que se este coraçãõ
Ambos taõ maltratamos
Ambos com elle usamos sem razãõ.
Que culpa teve mor,
Que amar sem conhecer o que fazia;
A culpa teve amor,
Que me nãõ deyxou ver mais, que o que via.
Assi foy temerario meu emprego,
Que em tal desas cego
Nãõ via meus defeytos,
Que amor para respeytos se fez cego.

Primavera

E se isto me condena,
 E para amar vos erra quem se atreve,
 Baste já tanta pena
 Para huma culpa pois que foy taõ levei.
 Tomay senhora o mal que me ficou,
 Vereis no que vos dou,
 Que ainda me estais devendo;
 Naõ fique padecendo quem pagou.
 Mas ha que este desenhõ
 He chamar mal ao mal que me causais;
 Quando pelo que tenho
 Vos fico inda devendo muyto mais;
 Já me rende ao pouco que mereço,
 E assi pastora peço
 Por me entregar no mal
 Que sejais liberal do que padeço.
 Já vos desejo dura,
 Esquivã, ingrata, varia, fementida;
 E a mim mais sem ventura,
 Sem esperança, liberdade, & vida;
 Mas naõ sejais ingrata, & enganosa;
 Nem inconstante irosa,
 Naõ o digo por mim,
 Mas naõ podeis assim ser taõ fermosa,
 Se a força de meu fado
 Vos desse natureza taõ alhea,
 Por mal do meu cuydado,
 Temo que ingratidaõ vos torne fea,
 E se isto me tirara o pretendervos,
 E perdera o querervos,
 Ah nunca seja tal,
 Que o meyo de meu mal seja offendervos.
 Se me sois homicida
 De minha vida, & minha liberdade;
 Que quero eu mais da vida
 Que perdella por vos e m saudade?
 Que quero mais, que as lagrimas, que choro

*Ou no valle aonde moro ,
Ou por este em que ando
Aonde a amor vbu pagando o mesmo fora,
Se la aonde ficastes
A sem razao vos vier a memoria
Com quem me desterrastes,
Naõ quero nesta guerra outra vitorias
De tudo o meu desejo desaposso ,
E do que esperar passo
Ey por melhor partido
Este de andar perdido por ser vosso.*

A Cabou o pastor ausente este seu canto , a que as aves magoadas parece, que respondiaõ, quando ja o Sol apparecia no cume dos altos montes , virando o rosto por entre os ramos , vio vir para elle huma fermosa pastora guiando as ovelhas , cujo rosto , & trajo representavaõ a tristeza , que na alma tinha , & com palavras em que a mostrava depois de o laudar lhe disse. Naõ juigues mal pastor esta licença , que teve tanta força o sentimento de teu canto , que me fez perder o respeyto a meu estado para te bulcar. Ouvi a tua cantiga , & pareceome a voz estranha, mas os versos taõ naturaes ao que na alma sinto , que suspeytoy , que havia em ty amor , o que de homẽs ha muyto , que naõ creio , & se agora comtigo me engano , ainda sabes melhor fingir do que eu sey duvidar ; porem se teu cuydado he verdadeyro , hey por bem empregado este atrevimento. Fermosa pastora (respondeo Lereno) ainda ; que te convinha mais outro nome naõ te póde dar culpas , quem com tua presença se livra de tanta pena , & naõ em balde quero bem a meu mal , pois de seus effeytos me nasceo esta gloria : delle podes crer , que he verdadeyro , & de meu canto , que naõ he fingido quando te descontentasse , de ty quizeras eu perguntar muyto , mas nem o lugar he de ambos , nem estou seguro em tua vontade. Esta (disse a pastora) he tal , que nem quero , que a suspeyta do lugar me tire de ouvir , & para que essa razao te naõ escuse, vayamos ao prado , que o publico nos dara mais liberdade.

Logo Lereno tomando o çurraõ , que nos rãmes tinha pendurado le sahio de entre elles , & pondo-o sobre hum penedo, que no valle estava encostado a elle , & a pastora ao seu cajado, lhe pediu ella, que lhe dislesse o seu nome , a terra donde era , & o que naquella buscava , ao que o estrangeyro com estas palavras respondeo. Ha taõ pouco que saber em mim que a tado respondo com o que ves; porque o nome , se elle declara o ser de quem o tem , a tristeza mo deu , terra não na tenho , porque nenhuma me consente , o que busco nesta , he o que mais desejo perder , & somado isto sou hum triste , & peregrino , que busca a vida , que aborrece ; porẽm se esta verdade só te não satisfaz , o meu nome he Lereno , nasci entre as frelças ribeyras do Lis , & Lena , terra favorecida do Ceo , celebrada de pastores , rica de fermotas pastoras , & porque era tal a minha patria , não quiz a sorte , que com as poucas ovelhas que me deu nella vivesse , nem que só aos males , que a meu estado com formes tinha , bastasse o sofrimento , busco os campos do Mondego para guardar outras cabras, ter outra vida , não outro cuydado , mas viver ausente da causa deste até que o tempo delengane minha esperança , isto só me perguntaste , & o mais que eu pudera dizer , pois são males , não quero ser sobejo , & nenhum delles consentirey , que tenha lugar antes de saber de ty , porque nisto tenho eu por acerto ser importuno , peço que me digas o nome , & alguns sinaes de teu cuydado , que bem conheço no rosto digno de dar muytos , que não devem faltar no coração. O meu nome (disse a pastora) he Althea , o que me pedes de meu cuydado , o mayor que tenho , he encobrilho , que pois do remedio tenho pouca esperança quero para mim só o tormento d'elle , com tudo folgarey de saber a causa que te obriga a perguntallo. A companhia no mal (tornou Lereno) muytas vezes he remedio , & quem padece folga de ver que não he só , & hum enfermo deseja de aleançar os remedios , que o outro usa para mitigar a mesma dor que sente , & fora esta razão me obriga a mim saber se no damno de teus males sou tambem culpado , porque he de crer se algum pastor te offende , que a todos os outros deyxou com culpa. Tanto podem

dem essas razoens (disse Althea) contra meu segredo, como o teu canto para me trazer a este lugar, porém temo, que em me vendo leve em communicar meus damnos perca aboa opiniaõ, em que me tinhas. De mim a terey eu boa (replicou elle) se merecer a confiança de teu cuydado, para o qual offereço hum coração leal, & huma fé muyto verdadeyra; porém se isto naõ he tua vontade, & receas perigo em a que te mostro, antes quero offender a meu desejo, que a teu gosto. A estas palavras naõ respondeo Althea, antes obrigada dellas, & suspenso no que queria dizer, mudou mil vezes a cor, fazendo com cada huma dellas mais fermosa; & depois de pouco espaço atras de hum sentimento ay, que de dentro da alma vinha nestas palavras, começou o seguinte.

Pois se melhora o mal communicado,
Pois dà alivio o sentimento alheyo,
E hum tormento de amor mal empregado
Só à lingua deyxou taõ triste meyo.
Ouve a causa pastor de meu cuydado,
Que contar já naõ posso sem receo;
Porque se em ty de amor vejo finais
Naõ tinha menos quem me levou mais.
Mas esses olhos teus, que antes choravaõ
Quando com mil suspiros me chamaste,
Naõ são huus, que com mostras m'enganavaõ
Differentes tambem das que mostraste;
E se com razao justa se queyxavaõ
Aquelles brandos versos que cantaste,
Em ty espero achar consolação,
Porque buscar remedio sera vaõ.
Livre fuy no principio de meus annos,
A's leys de amor izenta, & fugitiva
Mil vezes me offreceo doces enganos
Quando me vio para elles mais esquiva;
Mas como izentará peytos humanos
Huma vontade sò de amor cativa;
Tanto este em fim venceo minha porfia,

Que vim a amar a quem menaõ queria.
 Era no tempo quando a nossa Aldea
 De luzidos pastores florescia,
 Quando era campo, valle, & serra chea
 De musicas, de festas, de alegria.
 Vivia Elisa, Philis, Galatca,
 Sylvia, Leanda, & eu tambem vivia.
 Que agora neste estado taõ cativo
 Melhor posso dizer, que ja não vivo.
 Pastava neste valle (Ab sorte dura
 Quam pouco dura hum bem, que custa tanto)
 Hum pastor natural de Estremadura,
 Que em tudo extremo foy, em tudo espanto,
 No juizo, no rosto, na figura
 Na graça, no lutar, no doce canto,
 E porque diga tudo mais barato
 Tudo tinha, mas teve ser ingrato.
 A inimiga sorte, o cego Amor
 Por se vingar de minha tenra idade
 Trouxe ao nosso valle este pastor
 A quem dey pela vista a liberdade:
 Logo que o vi de mim se fez senbor,
 E ainda este não quiz, selo por vontade,
 Ouvi-o, & vi-o, & nelle tanto vi,
 Que ainda agora acho pouco o que perdi.
 Em quanto encubrir pude a chama ardente
 (Pouco se dissimula esta doença)
 Fulgara quem me vira facilmente
 Sem conhecer a causa, a differença
 Buscava-o entre as feras, & entre a gente,
 (Que este desejo a tudo dà licença)
 Entre o gado, entre as feras, entre abrolhos
 Sempre era mais fermoso nos meus olhos.
 Hum dia assi vencida do desejo
 Determiney mostrar-lhe meu tormento.
 Eis a vergonha em unõ, eis o despejo
 Cada qual ja vencia o sofrimento.

E em quanto entre contrarios taes pellejo
 Sem se determinar meu pensamento,
 Huma manhã, que em tantas esperava,
 O fuy buscar ao valle onde pastava.
 Era no mes quando esse pastor louro
 Que já guardou de Admeto o manso gado,
 E abraçou convertida em verde louro
 A causa principal de seu cuydado.
 Buscava os cornos já do branco touro,
 Que de Phasiphae foy gram tempo amado.
 O tempo, o prado, o valle, o meu pastor
 Tudo mostrava estar cheo de amor.
 Estava elle lançado na verdura
 (Ab que inda meu chamarlhe não podia)
 E dalli dava graça, & fermosura
 A tudo que do valle descobria;
 Lavando o rosto em huma fonte pura,
 Que entre as verdes ervas se escondia,
 Deyxando com seu curso desigual
 Borrifadas as folhas de cristal.
 Ouvia alli da linda Filomena
 Por entre o arvoredo o doce canto,
 Que assi contar sabia o mal da pena,
 Que enlevava os sentidos no seu canto,
 A purpurea Rosa, & Açucena
 E smaltavao da terra o verde manto,
 E zephyro encrespava brandamente
 As cristalinas agoas da corrente.
 Cheguey com o rosto pallido, & sem cor,
 Que o coração do sangue se ajudava,
 Mas o que me tirava este temor
 A vergonha dobrado me tornava;
 Disselhe o que por mim lhe disse amor,
 Que eu não creio de mim, o que entao fallava,
 Porque quando falharlhe pretendia
 Lagrimas por palavras lhe di Zump (Ab)
 Elle movido a dor, & a sentimento,

Que tudo começou logo em meu damno,
 Facilitou tão grande atrevimento
 Mostrando a tudo o resto mais humano;
 De receos livrou meu pensamento,
 Ou fuisse por amor, ou por engano,
 Mostrando, que eu lhe fora offerecer
 O que elle não ousava a pretender.
 Isto dizia, & começava, quando
 Para o valle decia hum guardador,
 Que atras do seu rebanho vem bradando
 Negras ovelhas tras da propria cor.
 Fuy-me eu por me não ver longe apartando,
 Foyse para outra parte o meu pastor;
 Ah quem entãõ olhara este final
 Para ser profetiza de seu mal.
 Mil effeytos de amor d'elle ordenados
 Alli vi nos seus olhos enganosos,
 Do peyto mil suspiros namorados,
 Da lingua mil queyxumes amorosos;
 Iguais mostrava amor nossos cuydados,
 Mas só foraõ os meus os perigosos;
 Igualeume nas mostras como amante,
 Venceome por meu mal em ser constante.
 Passou tão brevemente esta alegria,
 Que a tinha o coração por falsidade;
 Deste sonbo porèm, que o parecia
 Passay a larga noyte em saudade;
 E ainda bem a manhã não trouxe o dia,
 Porque madrugou mais minha vontade,
 Quando no valle aonde nos apartamos
 Ambos a hum mesmo tempo nos achamos.
 Veyo, que ainda a mim me pareceo,
 Que temer que a buscava me detinha,
 E n'hum amuroso abraço recebeo
 Por entre os braços seus esta alma minha.
 (Ah quem alli romperá o mortal veu
 Para a alma fcar com quem a vinha)

E porque neste sô me fora escaço
Torney de novo a darlhe hum novo abraço:
Passey dias, & meses neste engano,
(Triste, quem nunca delle fora izenta)
Passou hum anno assim, passou outro anno,
E esta minha affeyção mais se acrecenta;
Nao temi nas bonanças este damno,
Nem em taõ doce tempo tal tormenta.
Quem julga o que ha de ser pelo comesso
Bem merece, que tenha tal sucesso.

Quantas vezes ao valle aonde pastava
O seu gado levava por fallarme,
Aonde mil brandos versos me cantava
Ao som do seu rabel por contentarme;
As arvores, & as aves ensinava
Com amoroso acento o nomearme,
E agora tal estou no que padeço,
Que pelo nome a mim me desconheço,

Quantas vezes dos Faunos estorvados
Fugindo o mais espesso da floresta
Ao longo deste rio recostados
Tinhamos o rigor da ardente festa,
Debayxo destes freyxos levantados
Que faziaõ a estancia mais honesta,
E alli a relva, & folhas que cahiaõ
De saboroso leyto nos serviam.

Quantas vezes corredo a seca praya
O seu nome escrevi branca arnea;
Quantas vezes no pé a esta alta faya,
Que com trofeos taes ainda se arrea:
O coração, & a vista me desmaya,
Que quando a saudade diz que o lea
Com elle sobe ao Ceo contente a planta,
E fugindo meus olhos o levanta.

Mas porque vou fazendo larga historia
Do bem que hum breve espaço se deteve,
Para que conto da passada gloria

O que ao mal presente só se deve?
 Fica o bem para males na memoria,
 E por ficar melhor sempre he mais breve
 Amey, gozey, vivi leda. & contente
 Amo, padeço, & morro, triste, ausente,
 Não sey que estrella foy contraria minha,
 Que este trance cruel me destinou
 Que quando meu pastor mais firme tinha
 Então diante meus olhos o apartou:
 Força de estrellas foy, que assi convinha
 Eu a senti tambem, elle a mostrou
 Quando me disse: ah não me ponhas culpa
 Que o fado que me obriga, me disculpa.
 A razão nunca soube da partida,
 E pretendi sabella delle em vão
 Mil vezes lha pedi, & arrendida
 De importuno acusava o coração,
 Te que me disse já na despedida,
 Não me aparta de ti nova razão
 A sem razão me aparta de meu fado,
 Mas não me apartara de meu cuydado,
 Que se a mesma fortuna, que me guia
 A quem meu poder fraco não resiste
 Ao cabo levar sua porfia
 Sem levar juntamente a vida triste,
 Eu tornarey a verte onde te via
 Pois em te ver meu bem todo consiste
 Não queyras saber mais de meu segredo,
 Que ou cedo murrerey, ou virey cedo.
 E nisto com hum abraço mais estreyto
 Amor os nossos rostos ajuntava
 Tirando a cada hum do ardente peito
 Lagrimas que nos olhos misturava,
 Os que apartou a ventura a seu direyto
 Tão juntos tinha amor, tanto apertava,
 Que nem o ar da tarde fresca, & fria
 As palavras, & os rostos dividia.

De Francisco Rodrigues Lobo.

347

Foyse , & não sey quando se apartou ,
Que os meus olhos com lagrimas não viao
A voz cansada a lingua se apegou ,
Mas os suspiros tudo lhe diziao
Elle de longe o rosto me voltou ,
E em o vendo estes olhos que o seguiao
Sobre as ervas cahi triste de bruços
Em lagrimas , suspiros , & soluços.
Fiquey sem vida alli por grande espasso
Sinal, que quem a tinha era partido:
Acordey revolvendo o corpo lasso
Sobre a meuda relva amortecido ,
Depois com saudoso , & lento passo
Enganando de novo meu sentido
Para a triste cabana foy cuidando
Se o meu pastor viria, donde , & quando.
Hum anno ha que sustento esta esperança ,
Que elle em lugar da vida me deyxou
Esperava da sorte huma mudança ,
Ah que para meu mal já se mudou.
Já troquey nesta vida a confiança
Já o cuidado o meu pastor trocou,
Já tenho certo o mal que duvidava
Já achey na ventura o que buscava.
Hum guardador de cabras là do Minho.
Que foy do Tejo a ver a praya rica
Hum mes ha, que encontrey neste caminho
Que a mão esquerda atras do monte fica.
E como o vi passar de mim vezinho
E quem cuidados tem tudo lhe aplica,
Ditiveo , pergunteylhe donde vinha.
Que amor para o seu fim logo encaminha,
A caso , (& não vi caso mais estranho)
No meu pastor fallay (que não fallara)
Quando suspensio vi , & hum aytamanho
Lhe ouvi , que hum duro monte traspassara ,
Eu suspensa fiquey, & o meu rebanho

Primavera

O sabroso pasto desempara,
 Os olhos nelle, o gado, eu os meus viro
 Por ver em que parava o seu suspiro.
 Elle por não determe em mais perigo
 Assi quasi chorando me dizia
 Althea quem achara aqui contigo
 Quem tão longe te tras na fantasia
 A ty esposo, a mim hum caro amigo
 A sorte de invejosa nos desvia
 Não já guardando gado noutra serra
 Mas buscando perigos noutra guerra.
 Eu o vi, & deti nunca esquecido
 Mas da força dos fados obrigado
 Mas da amorosas pelles bem vestido,
 Mas de pezadas armas carregado
 Com o duro arcabuz ao ombro erguido
 Em lugar do nudoso, & bom cajado
 Seguindo huma bandeyra mal segura
 Pois era dos soldados da ventura.
 Para remotas partes caminhava
 Além das largas agoas do Oceano
 Fuy velo, ah triste quando se embarcava
 Que até li nunca crera o desengano,
 Estreyto alli comigo se abraçava
 E chorando-me disse meu: Sylvano
 Fica com Deos, & se te não vir mais
 Fà da alma sem que vou te dey finais.
 Tinhame já contado o que passara
 Nesta verde ribeyra entre estas flores,
 E quanto ante teus olhos alcançara
 Com inveja de tantos taes pastores
 Contoume o que partindo te ficara
 Contoume em fim de todos seus amores,
 E guardando a fe sempre a teu respeyto
 Eu só fuy secretario do seu peyto.
 Pouco antes de partirse começava
 Huma carta a escrever para mandarte,

Mas logo o tambor bellico o chamava
Como rigor que pede o fero Marte,
Disseme em fim que a alma te mandava
De quem melhor pudesses informarte,
Que o que ante ty ficou quando se fora
Te mandava afirmar de novo agora.
Nao pode dizer mais o aventureyro,
Que o vento, & o tambor nos despedia
Foyse, & perdi de vista hum companheyro
Do que nunca terey tal companhia.
Te qui tambem ouvia o estrangeyro,
E como o peyto ja tanto encobria,
Aos pès delle cabi com hum accidente.
O de mais julgue quem de amor mais sente
Com lagrimas Sylvano me acordou
E depois nos seus olhos as deteve
Por consolarme, alli me assegurou
Da tornada do meu pastor ser breve;
Delle mil cousas outras me contou
Tres dias sos que neste valle esteve,
Foyse deyxou me em lagrimas, & dores,
E este he Lereno o fim de meus amores.

A Qui acabou Althea o discurso de seus óuydados, & atrás das ultimas palavras começaraõ a cair lhe muitas lagrimas, que tinha nos fermosos olhos represadas, & não faltara a Lereno acompanhalla nestes effeytos amorosos, que como entrado do mesmo mal conhecia a pena delles, mas por não esforçar o sentimento da pastora com alegres mostras, lhe dizia estas palavras: Fermosa Althea, conheço teu mal, & tenho delle experiencia, & pois pelos sinaes, que em mim viste me contaste teus amores, pagartehey com hum conselho do que exprimentey. Não nego, que a causa de teu sentimento deves estas lagrimas, nem que he justa a dor que mostraõ, mas reprovo os extremos que fazes, porque são desconfianças sem razão. Que fraudades te cancem, amor o pede, que a ausencia te ponha em receyos, o tempo o aconselha, mas não sabendo

bendo outra mudança do teu Pastor, condemnallo sem culpa he fiar pouco da sua fé. Os fados tração nossa vida, & a quem elles obrigão pouca necessidade tem d'outra desculpa, & tu pouca razão de delconfiar neste estado de teus amores, que ainda o tempo não venceo a fé do teu Pastor, posto que a combatesse; espera, espera, & não desconfies; vive segura em o que mereces, & verás cedo fim ao que dejes. A isto voltou a Pastora os olhos magoados, mostrando nelles hum animo agradecido à dor de quem a consolava, & porque já os Pastores com os gados atravessavão o valle para terem a festa junto do rio, ambos se despedirão, porque cuydados tristes não sofrem lugar acompanhado, posto que os males para remedio busquem companhia.

FLORESTA TERCEYRA,



ASSOU Lereno o rio, aonde elle assombrado dos altos montes corre com mayor furia, deyxando as altas arvores tremendo os ramos da arrebatada corrente, com que passa na fralda da montanha, aonde se fazia huma verde espessura de fayas, freyxos, alamos, & salgueyros, fóra muytas arvores de espinho, tão cerradas, que achavão os rayos do Sol resistencia em seus agudos ramos, que com o pezo do dourado fruto, se vinhão a terra, regadas de saudosas fontes, que do pé da ladeyra, por entre toscas pedras vem caminhando, & todas se recolhião em hú gracioso ribeyro. O pastor por não perder a occasião de tão aprasivel lugar, sentado ao pé de huma faya, tirou o humilde mantimento ordinario entre Pastores, & começou a comer com muyto gosto; & para mayor mimo da natureza, não bem tinha acabado, quando do meyo de hum alto canaveal, que até a area da praya se estendia, ouvio, que ao ruidó, que movidas do vento as verdes canas fazião duas estranhas vozes, cantavão o seguinte.

Quem fia da occasiã

Com razãõ perde a que tem,

E se tarda quando vem

Venha arrependerse em vaõ.

Para ficar mais segura

A que do tempo se alcança

Ninguem tenha confiança

No tempo, nem na ventura ;

Alcançe da occasiã

Hum so pehor, que ella tem,

Lancê mão que se a detem

Verseha sem nada na mão.

Nunca espere da ventura

Quem por sua culpa, a perde,

Nem guarde esperança vrde

Para colbella em madura ;

Faca por ganhar de mão

Quem tao mal, & tarde vem

Como a idade do bem,

E o tempo da occasiã.

Quem se descuyda em seu damno

Toma o que o tempo lhe deyxã,

Arrependimento & queyxa,

Saudade, & desengano.

Causa de nossa affeyçãõ

Nãõ creais quem vos detem

Vede, que quem tarda, & vem

Vem arrependerse em vaõ

E Nlevado estava Lereno no doce canto, & não menos fastifeyto dos versos d'elle, cobicçolo de ver o donde nascião aquellas vozes, que dellas julgava ter cousa Divina, & cedo lhe pareceo, que não se enganara, porque ainda os sonoros acentos no ar se suspendiam em saudoso ecco, quando vio ir correndo por entre as tremulas canas, duas Ninfas com louros cabellos soltos sobre os hombros. Estas de hum ligeyro salto se lançarão ao rio, ao tempo, que dous pescadores, que viñhãõ no alcance apparecêrãõ na praya, & se forãõ desfatar a barca, que estava entre huns penedos, deyxando a Lereno tão magoado do que lhe estorvãrãõ, como contente do que vira, & atravessando o canaveal, vio para huma parte d'elle a cova donde antes cantavãõ as offendidas lemideas, femeada de rolas, & boninas, entre as quaes estavãõ enlaçados alguns fios de ouro, que as flores de enveja tinhãõ roubado. Levou o Pastor no çurrãõ destes despojos por estranheza, & começando a subir a ladeyra acima, vio perto de si hum tiro de pedra, hum Pastor vestido em hum vaqueyro de pardo escuro, & ao lado esquerdo hum manchado çurrãõ da pelle de hum abortivo novillo, & sobre os cabellos mais louros que o rayo do

Sol, que em ancis lhe cobrião as fontes, & as orelhas, huma monteyra de pelle de lobo. Este encostado a hum grosso cajado de enzinha, escrevia em o tronco de hum alamo com muyta futiliza. E porque Lereo pelo caminho havia de passar por junto a elle, duvidou se o faria, porèm vendo, que não era segredo, o que de huma carta tão aberta se fiava, indo por junto a elle, o saudou, & o do pardo o deteve para saber de que terra caminhava, que bem conhecia no mais ser estrangeyro, ao que elle tornou, que era do Lis, & que avia tres dias, que partira de suas ribeyras para aquellas do Mondego. Folgo (tornou elle) de te encontrar, que te acompanharey até o fim da ladeyra, porque sou muyto affeyçoado aos pastores do teu lugar pela fama, que tem nesta nossa campina, & neste tempo lançou Lereo os olhos ao tronco, & vio que deyxava nelle estas palavras.

*Cuydado sem esperança
Justo he que tenhais assento
N' alma para sentimento,
Neste alamo por lembrança.
Leam todos os pastores
Que em meu damno se consente*

*Aver fê para hum ausente
Por faltar em meus amores
Saybaó, que por perseguirme
Ouve contra meu cuydado
Homem ausente, & lembrado,
E molher ausente, & firme*

Começando a caminhar lhe perguntou o do pardo, que lhe parecia da verdura, & graça dos campos, que dalli se de cobrião, & as tostegadas agoas do Mondego, que em saudolas voltas se deipedia do pè daquella montanha. Tudo (disse Lereo) mostra na terra hum parayso, & só vivirá nelle em pena quem tiver a alma descontente, que os olhos sem o coração mal podem ter alegria, digo isto, porque essa fermosura, que aos naturaes he gloria me dà minha ventura por desterro, & como este he forçado nunca contenta. Grande bem he a liberdade (tornou o outro) & grande mal viver, sem ella, peça he que todos perdem por sua vontade, & perda, que se mais sente, mas se a tua ficou bem empregada não te queyres. Que val [tornou elle] estar bem empregada se he mal agradecida? E se os males, que homem busca custão
mais

mais a sentir, porque nunca se chora a culpa, senão a dor; porém deyxando esta, que agora não tem lugar, te confesso, que não vi outro tão fermoso de agoas, & arvoredos como este he, sempre foraõ celebrados os campos do Mondego, & muyto mais os seus pastores; & bem se mostra no que em ti apparece. Não quizera (dille elle) delacreditar a tantos comigo, mas se hoje ficas nesta Aldea, farey, que vejas em muytos o que em mim falta. Nestas razoens tinhaõ ja atravessado o monte, & decendo contra o penedo das saudades, já os guardadores com as roucas businas, & diligentes rafeyros ajuntavaõ o gado, & conhecendo a Floricio (que este era o nome do pastor a quem Lereno acompanhava) se vieraõ a elle, dizendo, que não era bem, que passassem o valle das oliveyras sem alguma cantiga, que sem elle não prestava, & depois de descançar, aceytcu o encargo, dizendo a Lereno, que a seu relpeyto o fazia, & cantou o seguinte.

Naõ sey para que vos quero

Pois de olhos me não servis,

Olhos a que eu tanto quis?

Noutro tempo mal pecade,

Quando eu via o que buscava

Era tão acautellado,

Que sendo pastor de gado

Tè do gado vos guardava,

Mas essa antiga alegria

Nem a tenho, nem a espero;

E pois não vejs o que via

Senão for por companhia

Naõ sey para que vos quero?

Eu vos quis para chorar

(Mas quem ha que a dor resista)

Que se eu pudera aturar

Em tanto perder de vista

Vós ouvereis de cegar

Poupeyvos como inimigo,

Pois para o pranto vos quis

Tendo-o por menor perigo,

Mas servir meis de castigo

Pois de olhos me não servis.

Muytas vezes ainda agora

Quando à lembrança me entrego

Desejo por meu socego

De arrancar os olhos fora,

E ficar de todo cego.

Mas torno a cuidar em quanto

Me lembra o mal, que vos fiz,

E que agora vos levanto

Como posso offender tanto

Olhos a quem tanto quis.

A Cabou Floricio, & não sô aos pastores, que juntos o ouviaõ, deyxou contentes, & a Lereno mais seu affeycoado, mas as pastoras, que do valle vinhaõ subindo com feus rebanhos, encoftadas aos cajados se detinhaõ. Logo pedirão todos a Menalio, que cantasse, & elle sem muytos rogos, tomando a Floricio a fantona, começou.

*Mandaisme que vos não veja,
Dos olhos que hey de fazer?
Pois lhe não fica que ver.*

<i>Tal a vista me ficou</i>	<i>Da alma, & de seu poder,</i>
<i>Quando vi vossa figura,</i>	<i>Dos sentidos, & da vida</i>
<i>Que para o mais me cegou</i>	<i>Ordenou vosso querer;</i>
<i>Como quem ao Sol olhou,</i>	<i>E pois sô não sois servida</i>
<i>E entrou numa casa escura.</i>	<i>Dos olhos, que hey de fazer?</i>
<i>Vi quanto a vida deseja,</i>	<i>Pois tudo o melhor levastes,</i>
<i>E fiz della alegre emprego</i>	<i>E deyxais os olhos sos</i>
<i>A pezar da mesma inveja,</i>	<i>Taõ cegos como os deyxastes,</i>
<i>Vós porque me eu veja cego</i>	<i>Pois levallós lhe negastes</i>
<i>Mandaisme, que vos não veja.</i>	<i>Deyxayós ir tras de vos.</i>
<i>Hum remedio me convinha</i>	<i>Pois me souberaõ ganhar</i>
<i>Contra a semrazãõ que usais,</i>	<i>Quando me soube perder</i>
<i>Que era verbos na alma minha</i>	<i>Com o gosto de vos olhar</i>
<i>Mas esta alma aonde vos tinha</i>	<i>Não lhe deyxéis que chorar,</i>
<i>Nem de vista ma deyxais.</i>	<i>Pois lhe não fica que ver.</i>

B Em mostrava Menalio na graça do seu cantar, & na differença do que costumava, que queria contentar aos companheyros, & competir com Floricio; & posto que muytos, que o entendião, se callassem, não o pode diffimular Theonio, que sorrindo disse, tambem a Floricio devemos a tua cantiga, como a sua, que bem se mostrou nellas, que era competencia. Antes te digo (respondeo Menalio,) que mais canto por obedecer a quem mo mandou, que por me parecer, que podia fazello diante de Floricio, & de tí, ã sempre me vencestes. Se tu comigo o às de zombaria (lhe replicou Theonio) sou taõ confiado,

fiado, que se tomo o arrabil, ambos me haveis de rogar, que vos queyra por vencidos. Como eu já o estou (disse Menalio) elculas contenda, là te avêm com Floricio, sobre cuja serà a vitoria; mas elle cruzando os braços, disse, que não se atrevia a procuralla. Não cuydeis (tornou Theonio,) que com essa humildade me fareis descer desta opinião, nem que a essa conta, não queyra a vitoria mais pelo juizo de todos, que por vossa vontade; & tomando o arrabil com muyto alvoroço, & rizo dos Pastores, começou com huma vóz muyto engraçada a cantar o seguinte.

Fartayvos de ver meus olhos

Os olhos de Guiomar,

Naõ nos podemos fartar.

*Andais de dia apos ella,
Pelo monte, & pelo prado,
S'entra a mondar ao serrado
Sempre lbe estais à cancella;
Se a noyte tornais a vela
Nunca vos fartais de olhar.
Naõ nos podemos fartar.*

*Inda bem se naõ enfeyta
Com a fraldilha louçãa
Ao Domingo de manhã,
Quando a vos tendes despreyta
E nada disto aproveyta
Pa a vos fartar de olhar,
Naõ nos p demos fartar.*

*Tem o seu rosto tal ser,
E os seus olhos taes estremos,
Que quanto nelles mais vemos
Tanto mais temos que ver;
Quem os sabe conhecer
Nunca se farta de olhar;
Naõ nos podemos fartar.*

*Naõ ha força que refista
Ao que com seus olhos trata,
Que estando vendo nos mata
De fome com sua vista;
Ou se vista, ou se naõ vista,
Ou no monte, ou no lugar,
Naõ nos podemos fartar*

CAntou Theonio tão confiado, & com tanta graça, que a todos persuadia a razão de sua arrogancia, & não passava guardador, que não parasse com os olhos nelle; mas juntamente o dia, & o caminho, com a cantiga se acabarão, & dandolhe os Pastores o louvor costumado, começarão a apartar os rebanhos, & Lereno se apartou com Egerio amigo seu, que já das ribeyras do Lena o conhecia, o qual com muyto alvoroço o recebeo, & levou à sua cabana, aonde cada hum relatando

os successos de sua vida, & dezenho della, passarão a noyte, que este he o fruto da verdadeyra amizade, o alivio dos males, & a gloria dos bens, communicarem-se sem inveja, & com affeyção.

FLORESTA QUARTA.



RA Floricio hum Pastor, natural do Tejo, em que os daquella ribeyra tinham muyta confiança, por ter elle muytas graças, que ainda repartidas, se achão difficultosamente entre os Pastores; com a lanfona na mão, não havia naquelles campos quem o igualasse, nem na luta quem lhe levasse a fogaça, nem no ayte quem com mais ar sahisse ao terreyro; finalmente com um cajado na mão, não havia Pastora, que de graça lhe não devesse a liberdade, & sobre ter esta melhoria de muytos outros, era tão affeyçoado à tristeza de hum suspiro, & ao apartamento de hum lugar saudoso, que lhe não parecia bem couza, que o não fosse, nem pastor, que não sentisse payxoens amorosas, semelhantes às que na alma trazia tão sugeytas ao segredo de sua fé, que nem Lereno lhe entendera o pensamento, se o proprio mal o não tivera tão ensinado a conhecer seus effeitos; & como de inclinaçoens tão semelhantes se faz a boa amizade, a cada hum destes dous Pastores ficou secreto o desejo de se tratarem, & communicarem por amigos, em especial Lereno, que muyto em particular soube de seu amigo Egerio, quem era, & como viera ter àquella ribeyra. Passados porém alguns dias, que Lereno vivia em a conversação dos Pastores daquelle lugar, a onde tomou sua cabana, hum dia antes, que amanhecesse, acordando de hum doce sonho em que a imaginação o tinha enlevado, ouviu huma suave voz, que cantava do pé de hum castanheyro, que com suas ramas cubria a porta da cabana de Egerio, & por não perturbar a gloria, que na alma lhe causava aquella saudade te o folego reprimia por não suspirar, & ouvir a cantiga, que eraõ estas endechas.

Quem dorme descança,
 Quem ama não ouja,
 Porque não repouja
 Mais que na lembrança.

Acorday cuydados,
 Que me despertastes,
 Pois não madrugastes.
 Para descuydados.

Lembrayvos de quem
 Só de vns se esquece
 Desque o sol parece
 Te que a noyte vem.

Que eu tomey porfia
 De cuydar só nella
 De noyte de vella
 Por vela de dia.

Meus olhos dirão
 Estes desconcertos,
 Que de andar abertos
 Já não vem, nem vão.

Quando vou com o gado
 Pelas sementeyras
 Sempre trago olheyras
 Como tresnoytado.

E como em deserto
 Sem saber onde ando,
 Nelle ando sonhando
 Dormindo, & desperto.
 Que com grande aballo
 Depois me envergonho,
 Porque como eu sonho
 Mil verdades fallo.

Temo neste emprego
 Vencido da dor
 Que de puro amor
 Me eyde tornar cego.

Mil vezes ditoso
 Quem sem tal cuydado
 Dorme descançado
 Sono saboroso.

E pela ventura
 Não sente hum só dia
 Nem a manhã fria
 Nem a noyte escura.

Durma quem descança
 Em taó bom remanso
 Que eu ca não descanço
 Busco a quem me cança.

COm o silencio da madrugada, & o vagaroso movimento das ramas, fazia a voz tão faudosos acentos pelo vão daquelles outeyros, que Lereno, que o ouvia, não pode deter alguns suspiros da faudade, que mil lembranças lhe despertarão, & por saber quem seria o da cantiga, se vestio depressa, & tomãdo o cajado, sahio fora da cabana, & dalli vio a Floricio, q̄ hia descendo pelo valle abayxo, para as fraldas dorio, & dobrãdo traz elle hũa trasposta, bradãdo lhe de cima, o fez voltar o rosto, q̄ côhecẽdo a Lereno, mostrou cheyo de alegria, & depois q̄ chegou a elle, & o saudou, lhe disse, não cuydey, q̄ tomãras ao roxinol mais que a faudade, & as horas de seu queyxume, que ainda no voar o parecias; pois não me valerão os pès, se com os

brados te não alcançara. Quem cuydaria (disse Floricio,) que tinha eu forças para te trazer apoz mim, deyxandote dormindo na tua cabana? Mais me espanto (respondeo Lereno) não se virem atraz de ti as arvores, & os rios (como contão do Musico de Thracia;) porèm a razão he, que fô coufas sem entendimento te não sigão: mas porque venho muyto suado da pressa com que desci a ladeyra, te rogo, que nos sentemos hum pouco em quanto não são horas de tirar o gado. Sentemos (tornou elle,) que ainda que fossem horas, mais quero ao teu descanso, que ao meu rebanho, quanto mais a tal companhia. E eu (disse o outro) pela tua soffrerey perder tudo o mais, como não seja ouvirte cantar, que te affirmo, que o fazes com tanta ventagem dos que tenho ouvido, que o melhor do mundo te póde ter enveja. Tudo consentirey (respondeo Floricio) como me não envergonhes com os louvores, que não mereço. Antes me callarey por não te saber dar os que devo (tornou elle,) & pondo-os, já que assim queres, de parte, te affirmo, que tens já tanta no meu coração, que me não ficarão palavras para te offerecer. Menos as terey (disse Floricio) para responder, mas pois a teu entendimento nada se esconde, bem deves ter sabido de meus olhos, que te trago nelles, do primeyro dia, que me encontraste, & não peço mais à ventura depois dos males, que me tem feyto, senão que me faça cópanheyro na tua peregrinação, ou a ti morador neste lugar, para que te não perca algum tempo, do em que te trago, mas por não se usarem entre nós palavras, que a outros fervem de comprimento, te rogo, que não vamos adiante; & porque o Sol vinha já enxugando sobre as flores o miudo orvalho, que a Aurora nellas derramara, & erão horas de tirar as ovelhas ao pasto, se torão os dous Pastores tè os curraes, & dalli levãrão o gado para além do rio, que era o lugar donde Floricio apascentava, & assentãrão-se em huma verde riba ao pé de dous salgueyros, que estão vendo os ramos em hum quieto remanso do Mondego, cujas raizes tecidas pela mão da natureza hião fazer sobre a agua huma debuxada sombra; dalli vendo Lereno as ovelhas, que có huma liberdade tão contente hião tofando a miuda relva, disse, guarde Deos ao teu rebanho

banho amigo Floricio, & o livre de mãos lobos, & de mau olhado, como anda contente por esta relva seguro no teu cajado, engordando na tua vista, ditoso elle, q̄ tem tal Pastor, & tu vêturoso, q̄ co elle gozas vida tão descãçada. Ah Lereno (disse elle) Deos te guarde de males, q̄ trazẽ cõsigo obrigação de segredo q̄ fazẽ sustetar à vida mil hypocrencias, q̄ se foubesses os defcotos possuo este, a q̄ chamaſte descãço, ouveras por muyto melhor o teu desaloflego, & não debes pouco à ventura por te negar experiencia tão trabalhosa. Não te respondo [tornou Lereno] porque não tey o mal de que te queyexas, nem pergunto qual he, por quanto às vezes custa lembrallo, & muyto mais deseobrilho, a quem o sustenta com tanta fé. Melhor ferà (replicou o companheyro) gastar o tempo em alivio de males, que em despertar o sentimento delles; por tua vida, que cantes huma cantiga das tuas, porque sendo ellas em toda a parte tão gavadas, ainda te não ouvi. Grande semrazaõ seria (disse elle) negar cousa tão facil, a quem com outras de tanto preço me obrigo, só te digo, que ando tão costumado a chorar, que me não lembra o como cantava, & aonde perdi o gosto do meu canto deyxey por despedida o arrabil, porẽm, porq̄ esta razã me não tem por escuso tẽpera esse teu, & veràs, que te enganava, ou se engana quem me gavou. Com muyto desejo temperava Floricio o instrumento, quando para elles viraõ vir dous Pastores em companhia de duas Pastoras, não mal parecidas, coroadas de fermosas flores da campina, & todos vendo a Floricio, & ao companheyro, (que ainda não conheciaõ) se alegraraõ, & com amorosas palavras mostraõ o gosto de o achar, & contaraõlhe logo a razã, porque o queriaõ para Juiz de huma contenda, a qual não havia na montanha quem com melhor saber, & menos suspeyta a pudesse julgar, & assim lhe pediraõ Cisneo, & Rosardo, (que eraõ os competidores,) que quizessem elle, & o estrangeyro assistir a huma musica em louvor dos olhos de Felisa, & Marilia, que eraõ as Pastoras, & em premio da vitoria, ficava por preço ao que melhor cantasse, duas bem tecidas capellas, que os Pastores traziaõ tão subtilmente enlaçadas, que por muyto espaço deraõ, que olhar aos juizes, & muytos outros Pastores, &

Pastoras, q̄ no mesmo lugar se ajuntarão a ouvir a contenda, & Floricio aceytou o encargo com Lereno, que por lhe obedecer se não esculou, & logo Cisneo tirando a lanfona, começou, & traz elle Rosardo, ambos com os olhos nos das Pastoras, que os escutavao.

Cis. **P**ois Felisa os teus olhos tem diante
 Quem te ama, mal sera que em seus louvores
 Quem doutros olhos canta se adiante
 Pois elles são de todos vencedores.
 A mim me manda amor, que delles cante,
 E vença os leves faunos, & os pastores,
 Que para esta ditosa confiança,
 Sempre os vejo vestidos de esperança.

Ros. Se os teus olhos Marilia ver pudera
 Quem já va vista de outros ficou cego
 Nunca a cantar comigo se atrevera
 Senão para fazer o mesmo emprego.
 E ainda a pastora então todos vencera,
 Quantos pastaõ no Tejo, & no Mondego,
 Tendo presente a luz desses dous lumes
 Vestidos da cor bella dos ciumes.

Cis. Mal julgará da cor do Sol dourado
 Quem de outra menor luz, fica offendido
 Sempre se igualla a causa de cuydado
 Por aquelle sujeyto do sentido:
 Cante de seu amor mal empregado
 Quem o não mereceo ter mais subido.
 Que eu forçado do amor, & do desejo
 Canto de huns olhos cuja cor não vejo.

Ros. Se os olhos cor tiverão, que a não tem,
 Que bella cor a dos teus olhos fora!
 Nem tal fora da rosa, ou da cecem
 Nem tal do Sol, nem tal da bella aurora;
 Tomaõ a cor os olhos do que vem,
 Que em sua clara luz, mais se melhora,
 Aos teus dey logo a cor, que lhes convinha

Nascida de huma dor que na alma tinha
Cis. Que dor, que mal, que pena se consente
Em vendo de Feliza os olhos bellos ?
Se outra nenhuma cousa he mais presente,
Que a gloria de goz allos , & de vellos ;
Vios , & deylhe a vida taõ contente
Que nem vida já tenho para tellos;
Mas deyxame pastora bella olharte
Que eu buscarey mil vidas para darte.

Ros. Se essa gloria Marilia, que eu mereço
Com hum sincero amor , & huma fe pura
Teus olhos haõ de dar por outro preço,
Ou que seja da vida , ou da ventura:
Que naõ na mereci tambem confesso,
Mas dar por preço a alma me assegura
E esta de ti naõ pode ser negada,
Que ainda a trazes nos olhos pendurada ,

Cis. Fiquem sempre Felicia vencedores
Teus olhos ca na terra como estrellas
Vença (cantando dellas) aos pastores
Atè que os faça iguaes ao curso dellas,
E pois no campo dellas nascem flores
Destas cantando alcance mil capellas ,
Que com temor , & inveja as Nymphas teçaõ,
E sobre os teus cabellos se emmurcheçaõ.

Ros. Corrido se me mostra o pensamento
Quando cuido Marilia, que offereço
A teus olhos taõ bayxo vencimento
Pois que em mores contendas tenho o preço:
Mas resalvando o teu merecimento
Nem os versos , nem flores lhe offereço
Sejaõ dos teus cabellos as capellas
Pois os olhos as tem muyto mais bellas.

A Cabaraõ de cantar os dous ovelheyros , & como o
lugar da musica era no meyo do valle , os mais pasto-
res , & pastoras , que alli traziaõ o gado , se ajuntaraõ aos
ouvir,

ouvir, & entre todos ficou a vitoria taõ duvidosa, que naõ se atreviaõ a julgar entre elles differença, porèm Lereno, em quem Floricio deyxou a sentença, lhes disse. Cantastes tambem (gentis pastores) que suspendestes o entendimento de quem os ouvia para naõ poder julgar a ventagem, & fazer differença em extremos taõ iguaes, quando esta razaõ naõ bastasse para vos igualar, a inveja de taõ bons versos, & de cuydados tambem empregados fizera qualquer outra sentença suspeytosa; pelo que a minha he, que tenha cada huma destas Pastoras a sua capella, avendo que para quem pode envergonhar tantas flores, poucas tobejaõ, & fiquem os seus olhos conhecendo, que ha no mundo quem por os saber dignamente louvar, os pode merecer, sendo cada huma destas cousas assaz difficultosa, & se este juizo vos naõ contenta, pedio o de Floricio como melhor, que nem eu creio aver outro, que de vos ter ouvido naõ fique suspeyto. Todos os presentes confirmaraõ a sentença de Lereno, & a alguns contentaraõ tanto as palavras della, que aos outros preguntaraõ donde era aquelle estrangeyro, acrescentando a isto alguns louvores, naõ taõ secretos, que a elle naõ rendessem muyta vergonha, particularmente quando entre as Pastoras, que alli se ajuntaraõ vio a namorada Althea, que naõ tirava os olhos dos seus fugindo aos de Floricio, que com antiga affeyçaõ a olhava, naõ podendo acautelarse tanto, que o amigo o naõ achasse com o furto nas mãos, porèm Rifeo, que livre destes cuydados ouvia o canto dos ovelheyros, & the naõ parecera mal a contenda das cores, por dar outra diferente do que tinha por opiniaõ, moveo de novo a questaõ entre todos com taõ engraçadas razõens, & futil entendimento como tinha a culpa da inveja de muytos do valle, porèm atalhando-o todos, que fõ cantando lhe consentiriaõ o parecer, ao som de huma temperada Lyra cantou o seguinte soneto.

F Ermosos olhos quem ver vos pretendo
 A vista dera em preço se vos vira,
 Que inda que per der vos a sentira
 A perda de naõ ver vos naõ se entende.

A gra-

*A graça dessa luz não na comprende ,
Quem qual ao Sol a vos seus olhos vira;
Que o cego amor , que cego delles tira
Com vossos proprios rayos a defende.*

*Não pode a vista humana conhecer
Qual seja a vossa cor, que a luz forçosa
Não consente mostrar tanta belleza.*

*Se eu que em vendoa ceguey pode ainda ver
Huma cor vi, porèm cor taõ fermosa,
Que me não pareceo da natureza.*

QUando os Pastores em louvor da cantiga de Rileo se empregavaõ, ouviraõ de improviso muytos brados de Pastores, & grande ladrar de rateyros ao pé do monte, & conhecendo pelo costume, que era lobo, todos desempararaõ aquelle lugar, & as Pastoras delonge os foraõ seguindo, & no alcance de huns, & outros se consumio a mais parte de dia, ficando espalhadas por aquelles outeyros; das quaes Tirsea, porque levava mais o sentidos nos amores de Floricio, que em perseguir o roubador do seu rebanho, se apartou tanto do caminho, q̃ se lhe acabou o dia entre huns espessos matos, aonde com a noyte escura, & com a carregada sombra dos arvoredos estava todo o valle medonho, & no silencio daquella escuridaõ, não se ouvia mais que o ruydo, que ao longe o rio hia fazendo por entre as pedras, & alguns brados dos boyeyros, que dalem do valle hiaõ fazer ecco naquellas concavas penedias, que entre a musica dos grilos, que das caladuras da terra estavaõ cantando, causavaõ hum frio temor em o brando coração da namorada Tirsea, a qual cahindo no descuydo com que aquelle lugar viera a taes horas ficou sem sangue, & começando a caminhar sem saber aonde o tom das passadas, que hia dando, lhe representava, que alguém a seguia, & detendose a cada passo, fallar nem suspirar outava, parecendolhe, que nisto salvava seu perigo. Assim andou hum grande espaço até chegar ao pé de hum piqueno outeyro, em o cume do qual havia humas ruynas de casas, que noutro tempo o foraõ, & a quem a antiguidade, ajuda-
da

da dos ventos derribara , cujas paredes estavaõ cercadas de mato espesso , & cubertas de antiga era que sostinha aquellas ultimas pedras ; chegando alli julgando pelo vulto , que seria algum casal , ouvio , que feriaõ lume , & com as faiscas delle descobrindo o lugar ficou taõ temerosa , que tornou atras o passo , & encoitada ao cajdo , escutava de quando em quando huma voz , que se lhe representava nos ouvidos , & depois que o temor lhe deu determinação , foy sobindo o outeyro até conhecer , que eraõ Pastores , que andavaõ na caça , & se recolheraõ ao amparo daquellas paredes para passarem a noyte ; & porque alli corria mayor risco o seu receo , ficou por algum espaço imaginando o que faria , até que de improvizo se lhe offereceo remedio bem perigoso. E foy que hum daquelles Pastores se sahio da companhia , & tomando o caminho por onde estava Tirsea fiandose ella no escuro da noyte , cobrio com o capirote o branco toucado , & contra fazendo a voz o mais que lhe foy possivel , o saudou , & lhe preguntou o caminho com que fosse ter a algum casal aonde passasse aquella noyte , ao que o Pastor respondeo com palavras de boa cortesia. Bofe Pastor , que he taõ grande o escuro , que te não saberey mostrar o caminho , nem atinar este por onde vou , posto que o costume cada dia , com tudo se por elle quizeres , que te acompanhe , aqui a diante de tras desta portella fica hum casal , aonde eu vou buscar humas redes , que meus companheyros ficaõ esperando em quanto tarda a Lua , & fio eu da gente , que nelle mora , que tedem de boa vontade gasalhado. He taõ grande bem esse (respondeo Tirsea) que não sey como te de as graças delle , & pois assi he , anda diante , que eu te irey seguindo , & caminhando tras elle com muyto trabalho , porque o caminho era fragoso , chegaraõ a passada de hum ribeyro , aonde o Pastor lhe offereceo a mão para que desse o salto mais seguro , o que ella engeytou , dizendo que saltava bem sobre o cajado , mas entaõ o não fez com tanta ligeyreza , que não cahisse da outra parte sobre humas sylvas , & alli de necessidade aceytou a ajuda do Pastor , o qual tocando a mão , ficou com assaz suspeyta do que poderia ser , & não ousando de descobrilla , por ser taõ leve o fundamento,

mento, com desejo de achar outro, foy pelo caminho adiante perguntandolhe donde era, & como viera ter aquelle delvio a tais horas, ao que com muyta cautella respondeo, que era hum moço estrangeyro, que passava para os campos do Douro, & que tomara errado hum atalho, que atras lhe insinrao, para que com Sol podesse chegar a Aldea, & que por nao passar descuberto ao frio da noyte fora ventura de achallo em aquelle lugar. Por certo (lhe disse o Pastor) que tomara eu verte em outro aonde te conhecera com menos escuro, porque so de te ouvir te tenho ja boa vontade. Nao sey eu outro (tornou ella) aonde mais me aproveytasse teu favor, que ja pode ser se me viras, que me guiaras com menor vontade (tal he o meu parecer) & entao nao merecera por conhecido, o que alcancey por defencaminhado. Nestas palavras, & outras chegarao ao casal, aonde era forçado, que o Pastor foubesse a companhia, que ateli trouxera, & abrindo a porta com a luz da candeia, vio a Tirsea, que com o trabalho do caminho afrontada, & com o lume que lhe fazia no rosto fermosas sombras, o ficou tanto que podia vencer as que em o valle mais presumiam de gentileza. O pastor, que a conheceo ficou tao alheo de si, que nem fallar pode, antes como de latinado do que sentia, tomou as redes que de antes buscava, & sahindo fora dando mil desesperados suspiros, se meteo por entre os matos, tomando diferente caminho do que o alli guiara, de cuja novidade ficou bem alterado, & suspenso o dono do casal, que era hum Pastor de muyta idade, que com sua amada conforte vivia na solidao daquelle monte, cujos filhos erao os que ficavao esperando as redes. Entao lhe contou Tirsea a ventura por onde viera ter ao seu casal, & como se encubrira com o nome de Pastor, por salvar sua honestidade; elle com muyto amor, & mostras de honrada bondade a recolheu, & a encomendou à velha, que nao menos, que elle era bem acondicionada, & delles soube como aquelle Pastor era Montano o mais conhecido Pastor daquella terra, & rico de ovelhas, o qual nao sem causa fez tao estranha mudanca, porque avia muyto tempo que tinha a Tirsea secreta affeycao, de hum dia, que entre muytas a vira na campina, em huma
festa

feita de Pales deosa dos Pastores. E era ella digna de obrigá a taes extremos, porque além de ser muyto fermosa, tinha igual discriçãõ, & honestidade, mas nem com estas partes, & outras muytas obrigava a Floricio aquererlhe bem que este he o mayor mal que tem quem faz emprego em coraçãõ affeyçoado, que não sómente lhe he necessario conquistar huma vontade, mas desapossála da affeyçãõ, que às vezes tem na alma poderosas raizes.

FLORESTA QUINTA,



BASSADA a noyte deyxou Tirsea o casal, & ficarão os velhos taõ obrigados de suas partes, & cortesia, que assi sentiraõ a despedida, como se fora de mais tempo o conhecimento; & vindo ella acudir ao seu rebanho, que eraõ horas de tirar dos curraes, quiz saber o que acontecerà a Floricio a tarde passada, porque dos seus bons successos dependia o viver contente, & dobrando o valle, o vio estar com Lereno de quem elle se apartara na montaria, & haquella hora tratavaõ do lobo, que os despartira, & como a Pastora não se atrevia mais, que a vello por entre humas arvores, se desviou, mas não taõ longe, que deyxasse de ouvir cantar a Lereno, o qual senão pode desobrigar dos rogos de Floricio, & temperando huma Lyra sentado ao pè de hum salgueyro, cantou este soneto.

Fogeme a luz do Sol, quando amanhece,
 Vejo estrellas no Ceo ao meyo dia,
 E entãõ sinto do inverno a mor porfia
 Quando o veraõ mais arde, & mais florece.
 Quanto aos outros alegre me entristece,
 Porque tenho o pesar por alegria,
 Que milagres são estes, fantasia,
 Porque os não sabera quem os padece,
 Sospeyto, que em meu damno conjurada
 Como mudou a sorte a condiçãõ
 Vay trocando o costume a natureza,

*E assi não vejo a luz tão desejada,
E em lugar da alegria, & do verão
Não tenho mais que inverno de tristeza.*

Depois que Lereno cantou, suspirava Floricio, mostrando com este novo encarecimento, a quanto o obrigara o sentimento do que ouvira, & perguntandolhe o amigo a causa d'elle, respondeo. Foy a tua cantiga tão cortada para minha pena, & a tua voz tão natural para a publicar, que fazem em mim estes effeytos fora outros de inveja, que esconde o coração; & este lugar quizera eu agora para te descobrir muytas cousas d'elle, em que conheceras esta semelhança, mas vejo vir ao longo do rio Menalio, Rifeo, & Theonio com outros Pastores, & suspeyto que ao ecco da tua voz acudiraõ, & vem direytos para nos, mas se a minha ventura não he a que costuma, algum dia terey em que a nossa vontade pratiquemos, & agora ouviras a Rifeo, que he gabado de todas as Pastoras da montanha, pelas muytas graças, & partes de seu entendimento. A este tempo chegaraõ a elles os Pastores, & Rifeo em nome dos outros pedio a Lereno, que tornasse a temperar o instrumento, que tinha deyxado, & quizesse proseguir seu canto, pois elle os guiara até alli, & que não era razão, que Floricio tivesse tudo o mais, & elles só a inveja. E como o Pastor conhecia, que a cousas semelhantes a facilidade lhes dobra o preço, & as muyto rogadas, custaõ às vezes mais do que valem, tomando huma sanfonha de Floricio, lhes disse. Não quero livrarme com as escusas, que tenho, do que me mandais, nem a cautelarme do pouco, que sey, só quero obedecervos com tal condiçaõ, que por facil, me não tenhaís por confiado, que o sou, porque não respeyto a mais, que a vontade de vos servir: a estas palavras se deraõ todos per muyto obrigados, & disseraõ, que estavaõ por estas condiçoes, com tal, que lhe não dilatasse mais a musica, a qual elle começou desta maneyra.

A Trevido pensamento
 Não me ponhais em perigo,
 Que para ser venturoso
 Não basta ser atrevido.
 Se sobis por levantarme
 Vede quanto atras vos fico,
 Que para quem não descauça
 He muyto largo caminho.
 Levais tras vos o desejo,
 E eu a ambos busco, & figo
 Para tornar a cahir
 Como a pedra de Sizopho.
 Vos tendes culpa de ousado
 E eu de todos o castigo,
 Que nasci só para penas
 Que das vossas azas tiro.
 Porfiais com a esperança,
 E eu com a razão por fio,
 Te que vencida de todo
 Fiquemos ambos vencidos.
 Se ante as aras da fortuna
 Quereis ir ao sacrificio,
 E acabar taõ mal logrados
 Como fostes bem nascidos.
 Pouco aventura a perder
 Quem se tem já taõ perdido;
 Sõmente temo em meu damno
 Que me aveis de deyxar vivo

Encolhey hum pouco as azas,
 E estay à conta comigo,
 Que de muyto experimentado
 Já nos males adevinho.
 Fiayvos do desengano
 Vereis se he melhor partido
 De hum covarde acautelado
 Que de ousado arrependido.
 Vede no triste successo
 Do que deu o nome ao rio
 Quaõ pouco contra ventura
 Podem valer artificios.
 São vossas azas albeas,
 E correis o mesmo risco,
 Deyxayas aos venturosos
 Pois que por mim sois mofino,
 Bastava ao filho do Sol
 Conhecer que era seu filho,
 Sem querer ter hum seguro
 Sogeyto a tantos perigos.
 Contentayvos pensamento
 Ser de huma parte divino,
 Conhecey minha esperança,
 Deyxareis de ser altivo:
 Mas em vossa sem razão
 São meus conselhos baldios,
 Que pouco valem contrella
 Conselhos, rogos, nem gritos.

E Speravaõ os Pastores o mais atrevido, que desse a Lere-
 no as graças do que cantara, mas Theonio, cuja confian-
 ça eíficava padrynhos, rompeo esse silencio, & disse. Tenho
 tanta inveja ao teu canto, que se não temera o parecer de
 tantos ouvera-o de desgabar, porque tambem isso fora mais
 facil, que darlhe devidos louvores, mas já que me hey de callar
 com minha magoa, te rogo, que me contes donde ouveste taõ
 boa,

boa, & estranha cantiga, que já neste valle ouvimos a hum Pastor estrangeyro versos do mesmo teor, mas tinhaõ os nossos guardadores por muyto difficultoso fazeremse em a lingua Portugueza, porque a tem por menos engraçada para os romances (que assi creio, que se chamaõ) & vemos em isto tanto ao contrario, quaõ grande he a ventagem com que em tudo o excedeste a elle; & a esta pergunta de Theonio, todos mostraraõ muyto desejo da resposta de Lereno, & porque elle desejava satisfazellos, em especial a Rifeo, que o obrigava, começou.

Em hum valle aonde mais contente da ventura apacentey, que he deste algumas legoas apartado, avia hum Pastor meu grande amigo, que todos por suas muytas partes estimavaõ, & queraõ; este em sua tenra idade, deseioso de ver muytas maravilhas, que ouvia contar das terras estranhas, deyxou a patria, & o rebanho de seu pay, que era o mais rico, & nobre Pastor daquella Aldea, & peregrinando muytas partes do Mundo, vio em Arcadia as celebradas ribeyras do Erimanto, aonde o famoso Pastor Accio Sincero apascentava; cantou nas ricas prayas do Pado, & do Tibre, cujas penedias, & arvoredos estaõ repetindo ainda agora o nome da fermosa Laura; gozou as sombras dos bosques do claro Mincio, aonde o antigo Titiro celebrava o nome de Amarilis; vio a origem do sagrado Tejo, & as ricas areas de Guadalquivir, aonde o celebrado Lasso entre as ovelhas mostrou aos Pastores seu illustre ingenho, & aonde o namorado Syreno deu a lingua, & aos valles estrangeyros o que devia ao Mondego aonde nasceu. Este Pastor vindo depois ao nosso lugar, tinhamos amizade cada hora mais estreita, & entre muytas cousas que dizia das que vira por aquellas partes, contou que estando em huma Aldea junto ao Tejo, aonde se faziaõ humas festas de Pastores, ao benzer do gado, depois de muytos jogos, & folgares, resoavaõ todos os montes vezinhos, com instrumentos, & musicas dos Pastores, entre os quaes elle (que naõ devia ter o menor lugar) deu honrada mostra do que merecem os ingenhos da nossa Lusitania, & veyo taõ affeyçoado a muytas cantigas, que entre elles ouviu, que ambos em o nosso lugar

naõ cantavamos mais, que à imitação das que là ouvira, & eu como mais affeyçoado à nossa lingua Portugueza fuy o primeyro, que nella cantey romances. Ainda Lereno, queria ir com a pratica a diante, quando viraõ vir muytas Pastoras com grande grita fogindo para onde todos estavaõ sentados, & com isto o ladrar dos rafeyros, & bradar dos guardadores atroavaõ todo o valle, & levantandose, viraõ hum Pastor furioso coroadõ de era, & de louro, com hum pefado salgueyro ao ombro, o qual em ligeyros saltos andava atravessando as relvas, naõ deyxando lugar às quietas ovelhas, para pastarem a miuda erva, que perdendo o tino amedrontadas humas entravaõ pelos vedados trigos, outras balando com os alheos gados se misturavaõ. Levantados os Pastores, correrãõ tras elle para o prender, mas Tirsea esmorecida com medo, se abraçou a Floricio, que entãõ lhe naõ podia negar aquelle amparo, & obrigado de seus piadosos rogos a levou atè a cabana do honrado velho Salicio de quem era unica filha, & pelo caminho lhe contou como aquelle Pastor doudo era Montano, & a estranha aventura, que com elle lhe acontecera a noyte passada, do que Floricio naõ ficou pouco espantado no principio, mas considerando a força que amor tem em peytos humanos, & a fermosura de Tirsea, que alli ao perto se lhe representava sem suspeyta, naõ teve o acontecimento por estranho, julgando juntamente o que devia à Pastora, que por seu respeyto tudo desprezava, tendo da sua parte tão grandes merecimentos; & com este conhecimento a tratou entãõ com tanta differença do costumado, que ella teve por ventura o mão successo daquelle dia, & chegando à cabana, aonde se houve por segura do receyo passado, naõ despedia os olhos de Floricio, que nos seus lhe levava a alma: tornou elle aos Pastores, que com muyto trabalho tinhão prezo a Montano, cuja historia de muytos foy sabida, & quasi todos pelo conhecimento, que delle tinhão, & Lereno por affeyçoado ao mal de que endoudecera, o levarãõ ao seu Casal, posto que desviado estava; porèm Althea apartada das outras Pastoras, se foy assentar ao longo do rio entre alguma arvores, que crescem com as raizes nelle, para ouvir os Rouxinoes, que naquella hora
come-

cômeçavaõ alli seu faudolo canto , & porque no alto dos ramos de hum loureyro vio entalhado hum nome , que com a mesma planta fora lobindo , & se podia ler mal por ficar taõ alto, curiosa de saber cujo seria , leu Althea , & apar outro nome, que com a mudança do tronco, & sombra dos ramos se não lia, com o que o seu Pastor ausente o escreveu, & fazendo esta lembrança na alma faudade , tirando della alguns suspiros, & do çurraõ huma dourada sanfona, cantou o seguinte.

Nome que amor nas azas levantou,
E depois abateo tanto à ventura,

Como não cahis já de tanta altura,

Se quem vos sustentava se trocou?

Pois já com o largo tempo se apartou,

Fazey nesta cortiça a sepultura;

Naõ renoveis agora na memoria

Tristes lembranças da passada gloria.

Quando contente aqui vos escrevia,

Quem nalma fielmente vos guardava,

Nas pedras , & nas arvores pintava

Por mais firmeza o bem que me queria:

Pois me falta esta fé de que eu vivia,

E vos dais vida ao mal, que tanto agrava,

Leve em despojo amor desta vitoria.

Tristes lembranças da passada gloria.

De que servia a Amor taõ grand engano ,

Esperança taõ grande, & taõ fugida,

E alevantar a hum bem para acabida

Vir a tamanha pena, & tanto damno?

O sem tempo chegado desengano

Na lembrança da gloria já perdida,

No fim de taõ alegre , & doce historia

Tristes lembranças da passada gloria.

E vos ó testimunha verdadeyra

De huma devida fé taõ mal guardada,

Escrittura de amor falsificada ,

Fiança de vontade taõ ligeyra:

*Naõ valeis já por fé, pois que a primeyra,
Tambem de vosso dono foy quebrada;
Pois naõ valem, naõ fiquem por memoria
Tristes lembranças da passada gloria.*

N Aõ sómente a musica de Althea, mas a dos Rouxinoes, que ao som da sua sanfona com amorosa porfia a ajudavaõ, fazia huma fermosa faudade nas fraldas do rio, que com hum concertado ruido parece que cantava, callou ella para ouvir os passarinhos, a tempo que os Pastores, que levãraõ a Montano, desciaõ do monte cantando, ella por os ouvir deyxou o lugar, & atraz elles elcutou a cantiga, que era esta.

*Quem vive em descudo
Sayba deste aviso,
Que amor, que he de fiso,
Naõ deyxá sesudo.*

*Quem faz nelle emprego
Vencido da dor
Se olha por amor
Tambem fica cego,
Quem ama fisudo
Tenha disto aviso,
Que assi rouba o fiso
Como rouba tudo.*

*Quem se lhe offerece
Tudo nisto ignala,
Que se de amor falla
D'amor emmudece:
Quem no mesmo estudo
Emprega o juizo,
Amando de fiso,
Perde o ser sesudo.*

FLORESTA SEXTA.

ENTRE todos os Pastores da montanha, & da campina, se fallava a doudice de Montano, servindo de motivo, & galantaria em os amores de muytos, que com aquelle exemplo os encareciaõ; porèm de fizo o temia Floricio, receando hum castigo semelhante à sem razaõ com que tratava a Tirsea, & só a vista, & conversaçãõ de Lereno o aliviava nestes cuydados; porèm naõ tanto, que de todo os encobrisse. Hum dia, que com a sobeja quentura do Sol, naõ podiaõ os gados esperar o campo, apartando-se

tando-le ambos de entre os outros, foraõ a passar a fésta da outra parte do rio, naquelle lugar aonde Lereno vira as Ninfas, que os pescadores alteãraõ, & alli no mais secreto do arvoredõ, sentado sobre hum barranco, que as aguas do Inverno alli cortãrãõ, em o qual havia muytas pedras tolcas, cubertas de verde musgo, & de entre ellas, pelo meyo de agudas espadanas sãhiãõ muytos lirios roxos, & amarellos, que estavãõ mais viçosos com a vizinhança de hum ribeyro, que por entre as pedras vinha descendo, à sombra de altas cereygeyras, & castanheyros, que os passaros escolhiãõ naquella hora, para se defender do ardor do Sol, & cantavãõ de seus floridos ramos, como no romper da Alva a madrugada. Emquãto as cabras de Floricio, humas no alto da ladeyra se penduravãõ daquelles rochedos, para alcançar os floridos espinhos, outras ao longo do rio, para chegar aos verdes ramos dos falgueyros sobre os pés se levantavãõ, outras bulcando as claras fontes, deyxãrãõ de gostar as ervas faborosas, por verem nas aguas sua figura. Vendo Lereno ao companheyro pensativo, & mais triste do que em sua presença o parecia, lhe disse: Pois que eu Floricio não mereci atégora saber de teus cuydados, não estranhes esta pergunta, a que me move a differença, que em ti vejo ha poucos dias. Succedeote de novo algum desgosto? Perderãõ-se algumas rezes do teu rebanho? Que he o porque andas triste? Ou ha cousa, que mude em teus olhos as cores com que me viãõ, ou me não vez com o amor que me mostravas. Não ha cousa (respondeo elle,) que em mim faça menor o gosto de tua vista, & se o rosto por força do sentimento de meus males nega a alegria com que te vejo, esta mostrarà a si só o coração, que não tem mayor alivio, que descobrir a pena que sente a tal amigo. E pois que a saudade deste lugar, & a tua discreta companhia he tão natural a hum queyxofo, quero te dar conta de minha vida, para que julgues a razãc, com que ha tanto, que desejo a morte; & temperando huma cornamula, que trazia em quanto Lereno inclinado sobre o braço o escutava, assim dizia.

D Eidades da espessura , Nada em tão maistinhãem graça
 Ninfas que nagoa viveis Veraõ, inverno, & Estio,
 Chegay juntas, & ouvireis Que andar com as nassas no rio,
 Desconcertos da ventura. Ou com os podegos na caça.
 Fontes, & arvores vizinhas, Em trabalhos tão suaves
 Flores, varias, ervas verdes Gastey doces Primaveras
 Se vossos bens ver quizerdes Hora cativando as feras,
 Ouvi desventuras minhas. Hora perseguindo as aves.
 Cabras, que a vosso sabor Em tudo andava diante
 Vos pendurais dos rochedos, Aos moços do meu lugar,
 Ouvi dentre esses penedos. Ou no baylo, ou no cantar,
 Quey xar ao vosso pastor. Ou no vestir mais galante.
 Sabereis de meu tormento Andava à chuva, & ao Sol
 Vosso bem mal conhecido, Com capote pespontado,
 Vereis, que não ter sentido De alvas carneyras forrada,
 Escusa ter sentimento. Com vivos de catafol.
 Ouveme amigo Lereño Fuy perdendo a liberdãde,
 Com que sey, que não m'engano, Que o bem nunca foy de dura,
 Pode ser vendo meu damno, Foy me faltando em ventura
 Que aches teu mal mais pequeno O que crecia na idade.
 Veras os males, que vem Següiome a desdita minha,
 De huma sorte desigual, Desterroume dos meus valles,
 E quaõ mal conhece o mal Começo a sentir nos males
 Quem não teve nunca bem. A falta dos bens que tinha.
 Nasci para esta fadiga, Vim viver a esta montanha,
 E para a que inda me espera, O porque bofe não sey,
 No Tejo, & não sey se diga Acho nella e que busquey
 Que oxala, que não nascera. Que era verme em terra estranha.
 N'um lugar, que agora invejo Mas convi para mor mal
 Fresco de valles, & montes, Se guardava este primeyro
 Que tem de hum cabo mil fontes, As condigoens de estrangeyro
 E doutro as agoas do Tejo. Me tornaram natural.
 Alli vivi descuydado Guardey aqui gado alhyo
 Da vida que me esperava, Muyto tempo por s'ldada,
 Aonde nunca me lembrava Não me guardava de nada,
 Nem damores, nem do gado. Não temia o que me veyo.

Servi juntei meus jornais
Vim a ter cabras de meu,
Dou graças a quem mas deu
Não pastão no monte tais.

Eis-me assim nesta bonança
Sem cubica, & sem cuydado,
Farto, rico, & descansado
Sem curar doutra esperança.

Quando a este estado vim,
Que nunca tal suspeyey,
E tanto outro me torney
Que ando já fora de mim.

Era hum dia de Janeiro
S'en na conta não me engano
Que assi como o foy do anno
Foy de meu mal o primeyro.

Como era de festa o dia
Madruguey mais do costume,
Que do que homem não presume
Poucas vezes se desvia.

Decia para a ribeyra
Loução, contente, & brioso
Com meu capote arenoso
Meu cajado de aveleyra:

Encontrey junto à levada
Outros cantando em disputa,
Hião tambem ver a luta
Fomos tod s de manada.

Chegando perto do rio
Ouvimos delle cantar
Huma voz, que de a escutar
Qualquer de nos ficou frio.

Eu como mais atrevido
Sem saber o que intentava
Chequey por ver quem cantava
D'entre os ramos escondido
Vi, & logo alli ceguey,

Que oxala que dantes fora,
Huma tão bella pastora,
Que entzo por Anjo a julguey.

Brial tinha leonado,
Capiroto azul pombinho,
Currão de pelles darminho,
E de sanguinho o cajado.

Tinha fora do curraõ
Muytas flores no regaço,
A cabeça sobre o braço
E os claros olhos no chaõ.

Dalli mil suspiros dava
Como a compassos cantando,
E entrelles de quando em quando
Fermosas perlas chorava.

Do tormento que sentia.
Mil queyxumes publicou,
E este sò pè me ficou
Da cantiga, que dizia.

Os olhos, que vos não vem
Pagaraõ sempre este foro
Descontando em triste choro
Aquella sombra do bem,
Que este alivio só convem
A quem tal ventura alcança,
Mas doutra nova mudança
Estara meu peyto alheo
Por mais que possa o receo
Destruir minha esperança.

Eu alli como enleado
Do que via, & no que ouvia
Nem apartarme sabia,
Nem a fallarlhe era ousado.

Tanto o temor me venceo
Que quando aos outros me viro
Soltey sem tento hum suspiro,
Que ella ouvindo estremeceo.